

FAUSTO - TEMPO E FRAGMENTOS
AUTOR - WOLFGANG GOETHE
TRADUÇÃO - JENNY KLABIN SEGAL

3-12
A

CAMBOM
até 28/6

SBAT
GRADO EXCLUSIVAMENTE
RA FILAS DE CENSURA DE TEX.
TO A LER REPRESENTAÇÕES ESTAD.
SUJEITO A NOVA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE NO R. & S.

ABERTURA: O iluminador arruma os últimos spots.
(black out)

D E D I C A T Ó R I A: Em forma de slides, desenhados com
o texto de Abertura da Tragédia.

SLIDE 1= Tornais, vós, trêmulas visões, que outrora
Surgiram já a lânguida retina.
Tenta reter-vos minha musa agora?
Inda minha alma a essa ilusão se inclina?
À roda afluis! Reinai, então, nesta hora
Em que assomais do fumo e da neblina;
Torna a fremir meu peito com o bafejo
Que vos envolve em mágica o cortejo.

SLIDE 2= Trazeis imagens de horas juvenis,
Sombras queridas vagam no recinto;
Amores, amizades, ressurgis
Do olvido como um conto meio extinto;
Renasce a dor, que em seus lamentos diz
Da vida o estranho, errante labirinto.
Evoca os bons que a sorte tem frustrado,
E antes de mim, à luz arrebatado.

SLIDE 3= Meus novos cantos já não ouvirão
Os que me ouviram os primeiros versos;
Desfeito, ah! se acha o grupo amigo, irmão,
Ecos de outrora estão no nada imersos.
Meu canto soa à ignota multidão,
Seu próprio aplauso ecoa em sons adversos
E o mais, que a minha lira amara, erra,
Se vivo for, esparso sobre a terra.

SLIDE 4= E de um remoto anelo o grave encanto
Àquele reino de visões me acena;
Vibra, ora, em indecisos tons meu canto,
Qual da harpa eólia a murmurante pena;
Sinto um tremor, segue-se o pranto ao pranto,
A rígida alma abrandando-se e serena;
O que possuo vejo ao longe, estranho,
E real me surge o que se foi antanho

FRAGMENTO 1: (penumbra)

Todo o elenco de apoio postado no térreo e
no primeiro andar (galeria), estáticos, em
forma de rochas.

ENTRADA DO BUFO. COLORIDO E ÁGIL, ANUNCIA,
SOLENEMENTE, ATRAVÉS DE UM MEGAFONE, A -
CHEGADA DO PRÍNCIPE DA ÁUSTRIA.

FRAGMENTO 2: ENTRADA TRIUNFAL DE MEFISTÓFELES PELA PLA-
TÊIA. SOBE A ESCADARIA E SE COLOCA NA SOM-
BRA.

.....

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PRÓLOGO NO TEATRO:

CENA A: ENTRADA DO DIRETOR e do POETA pela platéia.

POETA: Oh! Não me fales da vã multidão
Cuja presença o gênio nos desgasta.
Deixa-me oculta a humana flutuação
Que ao seu remoinho, à força nos arrasta.
Não! Leva-me à alma, espiritual mansão,
Em que só o poeta haure alegria casta
E a amizade, o amor, com mão celeste
Fomentam bens de que a alma se reveste.

DIRETOR: O humor do povo já não incomoda
A quem com jeito se transmite e fala;
Tende, pois, juízo e graça, como eu disse,
Da fantasia armai o vasto coro,
Tino, emoções, paixões, sorrisos, choro,
Mas que não falem chistes e doidice!
E muita ação! É o que mais se requer!
Tão fácil é inventar quão exibir o engodo.
De que vos serve apresentar um todo?
O público o esfrangalha mesmo, às pressas.

POETA: E não sentis quão torpe é tal ofício?
Quão pouco genuíno é do verdadeiro artista?
Vejo que da relé o mísero artifício,
Convosco como axioma se registra.

DIRETOR: Tal repreensão pouco me ofende:
Quem o êxito maior pretende,
Escolhe os instrumentos; é só ver
Quão mole é a lenha que deveis fender.
Pensai: Escreveis para quem?
Que sonhas poeta? Do alto, a quem acenas?
A sala cheia a júbilo te induz?
Olha de perto os tais Mecenas!
São semifrios, semicrus.
Corre esse, findo o teatro, ao jogo de baralho
A amores vis, aquele, e a excitações confusas;
Convém por tal, pobre paspalho,
Atormentar as meigas Musas?
Eu digo-vos, dai mais, sempre mais,
E nunca haveis de errar o intento;
Basta que os homens aturdais,
Árduo é lidar a seu contento...
Que te acomete? É êxtase ou é dor?

POETA: Vai-te e procura um outro servidor!
Deve o poeta esbanjar seu máximo direito
E dom da natureza, o inato humano alento,
Criminalmente em teu proveito?
Com que comove ele a alma em todo o peito?
Com que governa qualquer elemento?
Não é com o unísono do Eu imerso
Dentro do coração lhe rebate o Universo?

Quem faz tempestuar paixões febris?
Em rubros tons abrasa a madrugada?
Quem lança pétalas primaveris,
No atalho, aos pés da bem-amada?
Quem a coroa verde enrama
Que do merecimento a glória sela?
Quem firma o Olimpo, à união os deuses chama?
O gênio humano que no poeta se revela.
Pois restitui-me os tempos santos,
Em que me formava, eu, ainda,
E que um tesouro de áureos cantos
Da alma me fluía em fonte infinda,
Do mundo um véu cobria os males,
Milagres a alva prometia,
Em que mil flores eu colhia
Qu enchiam com abundância os vales
Nada tinha e o bastante me era,
O anelo da verdade e o ardor da primavera,
o gosto da quimera.
Sim! Restitui-me o flâmeo ardor,
O imo êxtase, pungente e rude,
A força do ódio, o afã do amor,
Oh! Restitui-me a juventude!

O DIRETOR: Palavras houve, já de sobra.
Dai-me, enfim feitos: Vamos à obra!
Enquanto estais, na prosa fútil,
Podíamos ver algo de útil.
Já que dizeis que poeta sois,
Deveis reger a poesia.
Não me poupeis pois, neste instante,
Prospetos, máquinas, painéis.
Armais do céu os raios crus e os suaves,
Cavernas, rochas, água, estrelas,
Podeis, sem conta despendê-las,
Há sobra de animais e de aves.
Percorrei, pois, no estreito barracão,
Toda a órbita da criação,
E, em comedido curso, alterno,
Transponde a terra, o céu e o inferno.

(o elenco de apoio se posta nos lugares determinados pela cena que vem a seguir)

P R Ó L O G O N O C É U

1. CENA DO ALTÍSSIMO: (Luz no 1º andar) Galeria.
O Altíssimo, entediado, conversa com Mefistófeles. As falas dos Arcanjos serão substituídas por oratórios - medievais. Estes cantos tem a mesma conotação dada pelos Arcanjos, de Glorificação à Deus.

MEFISTÓFELES: Já que, Senhor, de novo te aproximás,
Para indagar se estamos bem ou mal,
E habitualmente ouvir-me e ver-me, estimas,

Perdão, não sei fazer fraseado estético,
Embora de mim zombe a roda toda aqui;
Far-te-ia rir, decerto, o meu patético,
Se o rir fosse hábito, ainda, para ti.
De mundos, sabeis, não tenho o que dizer,
Só vejo como se atormenta o humano ser.
Da terra é sempre igual o mísero deusito,
Qual, no primeiro dia, insípido e esquisito.
Viveria ele algo melhor, se da celeste
Luz não tivesse o raio que lhe deste;
De razão dá-lhe o nome, e a usa, afinal,
Prá ser feroz mais que todo o animal.
Parece, se permite Vossa Graça,
Um pernilongo gafanhão que esvoaça
Saltando e vai saltando à toa
E na erva a velha cantarola entoia;
E se jazesse ainda na erva o tempo inteiro!
Mas seu nariz enterra em qualquer atoleiro.

ALTÍSSIMO: Nada mais para dizer tens?
Só vens para te queixar?
Nada, na terra, achas direito, enfim?

MEFISTÓFELES: Não, Mestre! Acho-o tão ruim como sempre;
Vendo-os assim, coitados! Em seu transe
os homens já lamento,
Eu próprio, até, sem gosto os atormento.

ALTÍSSIMO: Do Fausto sabes?

MEFISTÓFELES: O Doutor?

ALTÍSSIMO: Sim! O meu servo!

MEFISTÓFELES: De forma estranha ele vos serve, Mestre!
Não é do louco, a nutrição terrestre,
Fermento o impele ao infinito,
Semiconsciente é do seu vão conceito;
Do céu exige o âmbito irrestrito
Como da terra o gozo mais perfeito,
E o que lhe é perto, bem como o infinito,
Não lhe contenta o tumultuoso peito.

ALTÍSSIMO: Se em confusão me serve ainda agora,
Daqui em breve o levarei à luz.
Quando verdeja o arbusto, o cultor não ignora
Que no futuro fruto e flor produz.

MEFISTÓFELES: Que apostais? Perdereis o camarada.
Se o permitirdes, tenho em mira,
Levá-lo pela minha estrada!

ALTÍSSIMO: Enquanto embaixo ele respira,

Nada vedo nesse assunto.
Erra o homem enquanto a algo aspira.

MEFISTÓFELES: Grato vos sou, já que um defunto
Não é lá muito do meu gosto;
Gabo aos que tem viço e verdor no rosto,
E com cadáveres evito o trato;
Sou como gato, atrás do rato.

ALTÍSSIMO: Pois bem, por tua conta o deixo!
Subtrai essa alma à sua inata fonte,
E leva-a, se atraíres para teu eixo,
Contigo e pela tua ponte.
Mas vem depois, confuso confessar
Que o homem de bem, na aspiração que obscura
o anima,
Da trilha certa se acha sempre a par.

MEFISTÓFELES : Bem, bem! Meu dia se aproxima
E minha aposta está a salvo
Mas permiti que meu triunfo exprima,
Tão logo que eu atinja o alvo,
Ingrirá pó, com deleite, o paspalho,
Como a serpente, minha ilustre prima.

ALTÍSSIMO: Também nisso eu te dou poderes plenos.
Jamais te odiei, a ti, a teus iguais.
É o magano o que me pesa menos,
De todos vós, demônios que negais.
O humano afã tende a afrouxar ligeiro,
Soçobra em breve em integral repouso
Aduzo-lhe por isso, o companheiro,
Que como o diabo influi e incita, laborioso.
Mas vós, filhos genuínos da deidade,
Gozai a viva e rica amenidade!
O que se forma, eterno e vivo opera,
Vos prenda em suaves vínculos de amor.
E o que flutua em visionária esfera,
Firmais com pensamento durador.

(sombra na galeria)

VÓZ DE MEFISTÓFELES :

Vejo, uma ou outra vez, o Velho com prazer,
Romper com ele é que seria errôneo.
É de um grande senhor, louvável proceder
Mostrar-se humano até para com o demônio.

(incensos e cânticos)

I A T O:

(A lareira, incandescente já está acesa. Tema de Fausto)

FAUSTO: Ai de mim! Da filosofia, medicina, jurisprudência. Miseró eu! Fiz o estudo da Teologia com a máxima insistência. E, pobre simplório! Aqui estou. E sá bio como dantes sou. Tenho nome de Doutor e mestre em artes, e levo dez anos por estas partes , prá cá e lá, aqui e acolá, com os meus discípulos pelo nariz. E concluo: De nada sabemos. Tenho a mente amargurada. Sei ter mais tino que esses maçadores, mestres, fadas, escribas e doutores. Com dúvidas e escrúpulos não me alouco. Não temo o In ferno e Satanáz tampouco. Mas o prazer me mata o peito. Não consigo saber direito de algo que leve os homens a uma luz que seja, edificante e benfa- zeja. Nem de ouro ou bens sou possuidor, sequer - de fama ou esplendor terrestres. Um cão assim não viveria. Porisso me entrego à magia, para ver se no espiritual império pode entreabrir-me algum - mistério, que eu já não deva, oco e sonoro, ensi- nar aos outros o que ignoro. (pausa)

Ah! Nunca mais o luar argênteo ficasse me contem- plando o penar! Quantas vezes nesta mesa aqui, al ta noite esperei por ti! Então, por sobre o entu- lho antigo, surgias, taciturno amágo! A se eu pu desse em floridos prados, vaguear no teu fulgor - prateado, flutuar com gênios sobre fontes, tecer- na semiluz dos montes, livre de tdo o saber fa- lho, sarar, no teu banho de orvalho! (pausa)

Céus! Me prende ainda este antro vil? Maldito, a- bafador covil, em que mesmo a celeste luz, por vi dros foscos se introduz! Opresso pela livralhada, que as traças roem, que a poeira cobre, que se a montoa, embolorada, do soalho até a abóboda do te to. Cercado de um resíduo imundo, de vidros, de la tas e de antiquilhas, cheios de trastes e miuça - lhas. Isto é teu mundo! Chama-se a isso um mundo! (pausa)

Não! Para o campo e para a luz fujaamos. Nova pu - jança no Eu te brota. Explicam-te os sinais sagra - dos, em vão meditações sutis; sobre mim voais, gê nios alados; pois respondi-me se me ouvis!

(Abre o livro e avista o signo do Macrocosmo. Na- luz, aparece em todo o espaço o mesmo signo que Fausto vê)

Ah! Que delícia irrompe neste olhar, por meus sen tidos, repentinamente! Sinto vigor, flamante, sin gular. Varre-me o sangue em êxtases frementes. Grá

vou um deus, acaso estes sinais? A pobre alma enchem de ventura. Sou eu um deus? Vejo a luz! Neste traçado puro, imerso vejo ante a alma, prostrado, nosso ativo Universo.

(olhando o signo)

Como um dentro do outro se entrama e num todo se amalgama! Como fluem e refluem celestes energias, a se estenderem mutuamente as áureas pias! Com surtos prenes de balsameo alento, a terra imbuem, fluindo no firmamento, vibrando pelo Todo com harmonioso acento! Ah! Que visão! Mas só visão, ainda. Como abranger-te, oh, natureza infinda? Vós, fontes, de que emana a vida em jorro, das quais o céu, a terra, pende, às quais o peito exausto tende, correis, nutris, enquanto à minha eu morro?

(olha, agora o signo do Genio da Terra. Os espectadores também observam pelas sombras em todo o espaço.)

Oh! Gênio térreo, me és vizinho. Alçam-se as forças em meu peito, sinto abrasar-me um novo vinho, a opor-me ao mundo já me alento, a sustentar a terra o júbilo e o tormento. A arcar com o furacão e o vento, e no naufrágio, ir-me, sem lamento. Nubla-se o espaço sobre mim, oculta a lua o seu clarão, a luz se esvai! Sobe um vapor!

(aqui entra o elenco de apoio. Dança do gênio. Símbolo.)

Coriscam raios rubros à minha volta! Um sopro frio desce da abóboda e me invade! Espírito implorado, sinto que ao meu redor estás flutuando enfim! Revela a face! Ah! como se lacera o coração em mim! Em rasgos desmedidos como se inflamam meus sentidos! Sinto a alma inteira a ti oferecida! Surge, pois! - Surge sim! Embora me custe a vida!

(continuação da dança e imagens do gênio) (sonhos)

(um dos atores do elenco de apoio, aparecerá com barrete de dormir e uma vela. O texto foi subtraído).

Não é o pó o que aqui, com estas tantas estantes me restringe? Posso encontrar aqui o que me falta? Caveira oca, tu! Por que ris para mim? É porque, como o meu, teu cérebro, outrora, sedento de verdade, buscava a luz pela penumbra afora? Vós instrumentos, ai de mim! Escarneceis. E aquele vidro? Por que me finca o olhar neste recanto? Vidro único, precioso, eu te saúdo. Reverente te empunho. Substância tu, do sono fluído grato, de todas as letais virtudes almo extrato. Para ti olho e a dor vai se aliviando, do espírito reflui pouco a pouco a corrente. Sou impelido já alto mar a fora, fluia meus pés espelho refulgente, às novas margens chama nova aurora. Alma, atreve-te a romper estes portais, dos quais cada um teme o horror sombrio. Não tremerei ante a sinistra gruta em que a imaginação cria o tormento eterno, a arremessar-me nessa abertura abrupta, em cuja boca estreita arde o flamante inferno. Aceito o risco até resvalar para o Nada.

(pega o frasco de veneno e procura uma taça de cristal.)

Surge, pois, taça de facetas cristalinas, do estojo velho e gasto em que reclinias, para mim tão longos anos esquecida. Outrora brilhavas em festins patriarcais, recreando austéros co

mensais, cem mil noites juvenis me rememora. Hoje, a vizinho algum hei de passar-te, é um líquido este que embriaga, sem demora, o vácuo te encha com seu fluído amaro, de minha escolha, meu preparo, seja o último hausto, pois, num brinde - alto e preclaro, do fundo de minha alma oferecido à aurora!

(leva a taça aos lábios. Tocam os sinos. Ruídos.)

FRAGMENTO 1: (Ladainha, em latin, da Mãe de Deus, substitui o coro dos anjos. Entre as próximas falas, está entremeada a ladainha e a dança do elenco de apoio. Lavagem, pelos bailarinos, da escadaria-do palco.)

FAUSTO: Que fundos sons! Que toques argentinos! Me tiram à -
força a taça dos lábios. Seria a festa de Páscoa? -
Cristo ressurgiu?

FRAGMENTO 2: (As mulheres do elenco de apoio vão cingir e ungir Fausto com bálsamos . Cantos medievais. Coro e oratórios)

FRAGMENTO 3: (Fausto está na sombra e danças de camponeses - substituem o coro dos anjos. Allegro)

CENA DA DUALIDADE: B E M E M A L

FAUSTO: Ah! Vivem-me duas almas no peito. Querem trilhar em tudo opostas sendas. Uma se agarra com sensual enleio, órgãos de ferro, ao mundo e à matéria. A outra, soltando à força o freio da terra, com nobres preceitos busca a plaga etérea. Ah! Se no espaço existem leis que tecem entre céu e terra o seu regime, descei agora, dos fluídos de ouro, dos etéros cumes, e à nova, intensa - vida me conduzam. Sim, fosse eu um manto de magia, que a estranhos climas me levasse prestes, pelas mais deslumbrantes vestes, por mantos reais eu não trocaria.

CENA DOS LATIDOS: (O CÃO NÃO APARECE)

(Fausto olha pela janela e começa a descrever o que segue.)

FAUSTO: Um cão negro. Deve ser ótica. Ilusão. Cismo que risca - de mansinho laços de mágica ao redor da casa. Restringe agora o círculo! Está perto! Vem cá! Vem ter comigo! Vem!

(começa a falar com o cão que se aproxima da escotilha.)

FAUSTO: Campos abandonei e pradós, que uma profunda noite cobre, que em nós com frêmitos sagrados, desperta o que a alma tem de nobre. Quedam-se os rasgos impulsivos em que a impetuosa ação se ancora. Move-se o amor aos seres vivos. Move-se o amor a Deus agora. Quietos cães! Não o que farejas? Não rosnes perro! Aos tons puros e santos que me banham a alma agora, não se adapta o som animal. Resmungam os seres humanos e o cão quer resmungar da mesma forma? Desejo agora abrir o Novo Testamento para vertê-lo ao meu sagrado idioma natal.
(Abre a bíblia e prepara-se)

(Aqui entra " A dança dos Silvos e a danação de Fausto.)

FAUSTO: Está escrito: "Era no início o Verbo!" Apenas começo e já me exacerbo! Como poderei dar ao Verbo tão alto a preço? Careço de outra interpretação. Se o espírito - me deixa esclarecido, escrito está: No início era o - sentido! Não! No início era a energia! Mas enquanto - assim retifico, algo me diz que tampouco nisso fico . A direção é o espírito. Então escrevo em paz: " Era no início a Ação!" Se te aprouver ficar aí fora, cala o latir, perro! Estou já farto de iuvos e ganidos.

(Olha para a chaminé. Bailarinas e tema de Mefistófeles.)

(ruídos)

FAUSTO: Que a chave de Salomão venha em meu socorro. Estes - ruídos e este cão lá fora crias do inferno são!

CENA DA CHAMINÉ:

(Mefistófeles desce pela chaminé da lareira, sujo de fuligem, vestido de escolar viandante.)

MEFISTÓFELES: Porque o barulho? Estou às ordens do senhor?

FAUSTO: Do perro era esse o cerne, então? É de se dar risada! Um escolar viandante!

MEFISTÓFELES: Aceite-me o erudito mestre a saudação!
Irra! Me fizestes suar e me sujar bastante!

FAUSTO: Que nome tens?

MEFISTÓFELES: Questão de pouco peso. Para quem vota aos termos tal desprezo, e que, afastado sempre da aparên - cia, dos seres só procura a essência.

FAUSTO: Com vossa espécie a gente pode ler já pelo nome o ilus - tre ser, que se revela sem favor com a marca de mendaz, blasfemo, destruidor. Pois bem, quem és então?

MEFISTÓFELES: Sou parte da Energia, que sempre o Mal pretende e que o Bem sempre cria.

FAUSTO: Que alegas com tal enigma?

MEFISTÓFELES: O Gênio sou que sempre nega! E com razão; tudo o que vem a ser é digno sempre de percer; Seria , pois, melhor, nada vir a ser mais. Por isso, tudo a que chamais de destruição, pecado, o mal, meu - elemento é, integral.

FAUSTO: Mostra-te a mim inteiro e dizes que és parcela?

MEFISTÓFELES: Afirmo-te em verdade singela, quando o homem o pequeno mundo doído se tem habitualmente por um todo; parte da parte eu sou, que no início-tudo era, parte da escuridão, que à luz nasce te dera, à luz soberba que ora em brava luta, o velho espaço, o espaço à noite-mãe disputa; Tem de falhar, porém, por mais que aspire a em presa, já que ela adere aos corpos, presa. Dos corpos flui, beleza aos corpos dá, um corpo im pede-lhe a jornada; Creio poisque não dure na da, é com os corpos que perecerá.

FAUSTO: Já te percebo o ofício, ilustre herói! Nada de grande o teu furor destrói, começa pois no que é pequeno.

MEFISTÓFELES: E faz pouco no pequeno. O que se opõe ao Nada, o Algo rotundo, este pesado, tosco mundo, por mais que eu contra ele arrojasse, não pude ver lhe o desenlace; com ventos, fogo, água, abalar, firmes no fim, ficam a Terra e o Mar! Quanto ao maldito povo, o humano e o animalesco, contra esse já nada consigo. Quanto já lancei no jazi-go! E sempre corre um sangue novo e fresco. Vai indo assim, é do danar-se a gente! Da terra, da água, e mais dos ares, brotam os germes aos milhares, no seco, frio, úmido, quente! Se não-me fosse a chama reservada, já não me restaria/nada.

*Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025*

FAUSTO: Assim te opões ao ritmo eterno, de força criadora e boa, teu frio punho, arma do inferno, que, pérfido - se cerra atoa. Procura algum outro serviço, estranho ser que o caos fez.

MEFISTÓFELES: Devêras. Hei de pensar nisso. Discuti-lo-emos de outra vez! Posso por hoje, ir-me daqui?

FAUSTO: Perguntas? Não vejo porque. Agora que te conheci, vem visitar-me quando desejares. A porta vês, eis a janela e tens ao teu dispor a chaminé por onde desceste.

MEFISTÓFELES: Tenho de confessar: Para sair desta cela há um pequeno estorvo. O pé de mágica no umbral interno...

FAUSTO: O pentagrama te causa aflição? Eh! Dize-me filho do inferno, se isto te impede como entraste, então?

MEFISTÓFELES: Observa-o! É que está mal traçado; Vê! O ângulo que para fora aponta, tem um vão ligeiramente - aberto.

FAUSTO: O acaso então fez uma emboscada? Serias, pois, meu prisioneiro? Pudera! A história é engraçada!

MEFISTÓFELES: Ora, tem outro aspecto a coisa agora: O diabo não te sai prá fora.

FAUSTO: Por que não vais pela janela?

MEFISTÓFELES: É lei dos gênios, não se foge dela: Só por onde entram podem ir-se embora. Somos livres no um, no dois, porém, escravos.

FAUSTO: Até o inferno tem leis? Mas bravo! Podemos pois firmar convosco algum contrato, sem medo de se anular o pacto?

MEFISTÓFELES: Se houver ajuste, hás de fruí-lo, nada te há de tirar daquilo. Mas, num ai é que não se faz. Tra tar-se-á, pois, disso tão logo. Mas por hoje, alto e bom som rogo, deixes que me vá em paz.

FAUSTO: Conta-me histórias mais, suave. Demora-te mais um instante.

MEFISTÓFELES: Larga-me agora! Eu voltarei em breve; Informar-te-ás a teu talante.

FAUSTO: Não fui eu que te persegui. Tu que caíste aqui. Segure o diabo, quem com ele esbarra! Pela segunda vez de certo não o agarra.

MEFISTÓFELES: Pois bem, posso, para agradar-te, ficar momentos mais contigo; porém, só se eu puder, condignamente, amigo, passar-te o tempo com a minha arte.

FAUSTO: És livre, vejo. Mas que seja prazeroso o teu ofício!

MEFISTÓFELES: Daquilo que aos sentidos práz, numa hora, mais - desfrutarás do que, em geral, num ano inteiro. - Dos meigos gênios os cantares, os lindos quadros que diluem nos ares, não são mendaz, mágica folga. O teu olfato se deliciará, distrairá, depois, teu paladar. E teu sentir, enfim se empolga. O princípio sem mais se abstrai. Estamos juntos, principiai!

F R A G M E N T O 4:

(O elenco de apoio reaparece com gênios, danças, e sombras - que fogem sobem nas teias e no cérebro do cenário. Magia . Música)

(Mefisto adormece a Fausto. Os gênios o embalam. Cantigas em Allegretto.)

MEFISTÓFELES: Dorme: dorme! Ótimo jovens aéreos! Sim, com estes maviosos tons num bom sono o pusestes! Pelo-concerto sou devedor. Não és ainda homem que possa deter o diabo! Rodeai-o com sutis visões de sonho!

(O elenco de apoio faz movimentos de sonho e ilusão)

(tema de Mefisto)

.....

MEFISTÓFELES: Banhai-o em mar de ideal risonho. De um dente de rato é o que eu ainda não disponho, para dar cabo do encanto deste umbral da lareira. Num ai se invoca, escuto já um que ali rumoreja e logo me ouvirá. O rei dos ratos, camundongos, dos sapos, piolhos, pernilongos, aqui te ordena a apresentar-te e roer deste limiar a parte em que verte óleo. Ouviste o mando? Vamos, pois à obra! A aresta que me afronta na borda se acha, bem na ponta. Outra-dentada. Eis a pista livre. Bem Fausto, adeus. Agora sonha e até a vista.
(Some na lareira incandescente.)

FAUSTO: (despertando) Mais uma vez logrado me acho. Esvai-se - assim a espiritual visão? Introduziu-me um mendaz sonho o diacho, e me fugiu na escuridão?

(escuta batidas na porta)

FAUSTO: Batem? Entrai. Quem será?

MEFISTÓFELES: Sou eu.

FAUSTO: Entra!

MEFISTÓFELES: É mister repetí-lo três vezes.

FAUSTO: Entra, pois!

MEFISTÓFELES: Bem, assim me agradas. Havemos de ser camaradas! Para tuas duvidas dissipares, vim como nobre fidalgo, em rubras vestes de veludo, capa de rígido - cetim, pena de galo no chapéu pontudo, afiada a ponta do espadim. E, sem mais, por ora te aconselho, trajar idêntico aparelho, a fim de que livre, aprendas o que a vida é.

FAUSTO: Em todo o traje hei de sentir as penas, e o mísero - cortejo da vida. Sou velho para brincar e jovem para - não ter desejos. Que pode, Fausto, o mundo dar-te? Deves privar-te, só privar-te? É este o eterno canto que a todo o ouvido entoa. A vida inteira, até seu fim, a hora rouca nos entoa. Com pavor desperto de manhã, quase a gemer de dó, ao ver o dia que em fugida vã, não me cumpre um desejo só, que até o presságio de algum gozo com futil critique exclui, que as criações de meu espírito audacioso com farsas mil da vida obstrui. Também à noite, com receio, terei de me estender no - leito. Também lá me foge o repuso, sonhos de horror me angustiarão o peito. O Deus, que o ser profundo me emociona e me agita o âmago em que mora, que acima dos meus brios todos reina, não pode fazer nada. E da existência assim, o fardo me entristece, a morte almejo, a vida me é malquista.

MEFISTÓFELES: Contudo, nunca é a morte aparição bem vista.

FAUSTO: Feliz, a quem atingir, nos ápices da glória, as fontes com os lauréis sangrentos da vitória, a quem depois e baile delirante, colher nos braços de uma amante! Oh!-tivesse, ante a voz do espírito caído em, raptó, extinto Eu!

MEFISTÓFELES: Mas, sei de alguém que um certo extrato amaro naquela noite não bebeu.

FAUSTO: A arte do espião, vejo, é do teu agrado.

MEFISTÓFELES: Tudo eu não sei: Porém ando bem informado.

FAUSTO: Se me abstraiu do transe infesto um doce, conhecido - som, da alma infantil logrando o resto, como o ecoar - de um tempo ingênuo e bom; tudo maldigo, hoje, o que - em obra de sedução o ser governa e o que em miragens - o soçobra, prendendo-o nesta atroz caverna. Maldita seja a presunção, em que o critério se emaranha! Maldito o encanto da visão que no íntimo sensual se entranha! Maldito o que em vão sonho se enelia, o falso brilho da fama e da glória. Mamom maldito, quando seu ouro nos - arroja audaz, quando aos prazeres e à moleza, em sedas e plumas nos aloja! Maldita a suma aliança do amor! Maldita a rubra essência da uva, maldita a fé, a crença e esperança! E mais maldita, ainda, a paciência!

(atabaques. som brasileiro. Dois atores negros do elenco de apoio acompanham o som de um gemido africano)

CENA DA APOSTA ENTRE FAUSTO E MEFISTO:

MEFISTÓFELES: Não brinques mais com os teus pesares, que a tua vida estão sugando. Na pior companhia em que te achares, entre homens sentirás ser homem. Mas não digo isso no sentido de te empurrar para a desordem. Não sou lá gente da mais alta, mas, se te apraz, a mim unido, tomar os passos pela vida, pronto estou, e sem medida, a ser teu, neste instante. Companheiro constante, e se assim for do teu agrado, sou teu lacão, teu criado!

FAUSTO: E com que trabalho retribuo os teus trabalhos?

MEFISTÓFELES: Tens tempo. Isto não se paga à vista.

FAUSTO: Não, não! O diabo é um egoísta. E não fará só por amor a Deus, aquilo que algum outro assista. Dize bem a clara condição. Traz servo perigos ao patão.

MEFISTÓFELES: Obrigó-me, eu te sirvo, eu te secundo, aqui, em tudo, sem descanso ou paz. No encontro nosso, no outro mundo, o mesmo para mim farás.

FAUSTO: Que te importam os embaraços do outro mundo? Faz primeiro este em pedaços. Surja o outro, após, se quiser! Este sol brilha em meu tormento. Se deles me tornar isento, aconteça o que der e vier, nem me interessa ouvir ,

deveras, se há no Além, ódio, amor, estima, e se há também em tais esferas algum "embaixo" e algum "em cima"

MEFISTÓFELES : Em tal sentido podes arriscar-teObriga-te por esses dias a minha arte ver até o seu cume, - dou-te o que nunca um ser humano viu.

FAUSTO: Que tens tu para dar, pobre demo? Quando é que o Gênio humano em seu afã supremo, foi compreendido pela tua raça? Possuis tu alimento que não pereça? Rubro ouro - que nas mãos não se desfaça, como mercúrio, jogo es - tranho. Perdido sempre e jamais ganho, mulher que nos braços meus piscando o olho a outro a si atrai. Da - glória um dom, prazer de um deus, e que a um meteoro - igual se esvai? Mostra-me o fruto podre antes que o - colha, e a árvore que de dia em dia se renova!

MEFISTÓFELES: De tais bens posso dar-te a escolha. E me dás um cargo de fácil prova. Mas, caro amigo, o tempo - ainda virá de em calma saboreares o prazer.

FAUSTO: Se eu me estirar num leito de lazer, acabe-se comigo já. Se me logreres com deleite e adulação falsa e sonora, para que o próprio Eu preze e aceite, seja-me aquela a última hora!

Aposto! E tu?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MEFISTÓFELES: Topo!

FAUSTO: E sem dó nem mora! Se vier um dia em que ao momento - disser: Oh! pára! És tão formoso! Então algema-me a con - tento, então pereço venturoso! Repique o sino derradei - ro, a teu serviço ponhas fim, pare a hora então, caia o ponteiro, o Tempo acabe para mim!

MEFISTÓFELES: Medita bem, que em minha mente gravo.

FAUSTO: Nesse direito não te envolvo, em vão não me comprometi. De qualque forma sou escravo, que importa se de outro - ou de ti.

MEFISTÓFELES: No festim doutoral, assumirei o porte e o encar - go, mas por amor da vida e da morte, algumas li - nhas só, te rogo.

FAUSTO: Pedante! Algo de escrito exiges mais? Palavra de homem não te basta? Não basta, pois, reger-me eternamente, os dias da minha fé expressa? Não corre em mil caudais a universal torrente, e a mim deve ligar uma promessa? - Mas, vive-nos a alma esse devaneio, quem lhe quer des - prejar a algema? Feliz quem guarda intacta a fé no - seio. De sacrifício algum sentirá pressão. Porém, um pergaminho escrito, impresso, alheio, é espectro mau. - Não há quem não o tema. Que exiges, pois, gênio daninho? Papel, bronze, aço, pergaminho? Devo escrever com lápis cinzel, pena? Deou-te de tudo plena escolha.

MEFISTÓFELES: Por que exageras teu discurso com jeito tão acalorado? Serve qualquer folheto ou nota. Com sangue-
assinias. Uma gôta!

FAUSTO: Pois bem, a farsa, então, se adota. Já que te deixa con-
tentado.

MEFISTÓFELES: Sangue é um extrato muito especial.

FAUSTO: Não há perigo de eu romper o pacto! O afã do meu vigor-
completo é o que prometo. Pertença doravante só a tua -
classe, falhou-me o espírito sublime. Do pensamento se
partiu o fio, com a ciência toda me arrepio. Nos turbu-
lhões sensuais, saciemo-nos no efêmero momento, no giro
rápido do evento! Alternem-se prazer e dor, triunfo e
dissabor, como puderem, patenteia-se o homem na inces-
sante ação.

MEFISTÓFELES: Queres sem freio, provar de tudo sem medida. Bem,
te valha o que deleita! Porém, agarra-o sem pie-
guice!

FAUSTO: Não penso em alegrias, já te disse. Entrego-me ao delí-
rio, ao mais cruciante gozo, ao fértil dissabor como ao
ódio amoroso. Meu peito, de ânsia do saber curado, a
dor nenhuma fugirá do mundo, e o que a toda humanidade é
doado, quero gozar no próprio Eu, a fundo com a alma lhe
colher o vil e o mais perfeito, juntar a dor e o bem-es-
tar no peito, e destarte, ao seu Ser ampliar meu próprio
Ser, e, com ela, afinal, também eu perecer.

MEFISTÓFELES: Oh! Crê em mim, que já mastigo desde milênios es-
ta vianda dura, que homem algum, do berço até o
jazigo, digere a velha levedura!

FAUSTO: Mas eu quero!

MEFISTÓFELES: Bom, gostei de ouvir! Só de um temor vos darei -
conta. É curto o tempo e longa a arte. Pensei que
pudesse vos instruir. Deixe que vos empilhe a lis-
ta arquivada das virtudes sobre a cabeça: DO
cervo o curso rápido, do leão o animo forte, o
sangue ardente do italiano, a solidez do norte. -

FAUSTO: Mas que é que eu sou, se me é vedado da humanidade o To-
do e a aspiração suprema?

MEFISTÓFELES: No fim sereis sempre o que sois. Por mais que os
pés sobre altas solas coloquês. E useis perucas-
de milhões de anéis, haveis de ser sempre o que -
sois.

FAUSTO: Sinto-o. Amontoei sobre mim em vão os bens da inteligên-
cia humana. Não me elevei junto ao meu intento e nem -
me acheguei mais ao Infinito.

MEFISTÓFELES: Meu bom amigo. As coisas vês, como as vê sempre -
os da tua laia. Mais esperteza, agora!

Antes que o bom da vida se te esvaia, com a breca! Pernas, braços, leite, cabeça, sexo, aquilo é teu. Sus! Mete-te dentro do mundo! Digo-te, um tipo que especula, é como besta em campo ári do e gasto.

FAUSTO: Como faremos, pois?

MEFISTÓFELES: Vamos embora, ora essa! Esse antro de martírio a caso te interessa? Não podes mesmo instruir essa gentinha. Um dos rapazes está no vestibulo.

FAUSTO: Não posso recebê-lo,

MEFISTÓFELES: Devemos atender o apelo do pobre moço. Vem, dá-me a toga- Há de me ornar o figurino! Agora o gorro no cabelo.

(muda de roupa)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

C E N A D O E S T U D A N T E:

MEFISTÓFELES:

Para uma feliz jornada, um quarto de hora será o suficiente. (entra o estudante)

ESTUDANTE: Aqui me encontro há pouco e venho com devoção e humilde empenho, render a um homem justo preto, que só nomeiam com respeito.

MEFISTÓFELES: Me penhorais com a polidez! Vês um homem como os demais!

ESTUDANTE: Vim com ânimo robusto e inteiro, entregar-me ao seu encargo, com sangue moço e algum dinheiro. Pois quis minha mãe ater-me a ela, mas pretende instruir-me cá por fora.

MEFISTÓFELES: Pois acertastes vindo aqui.
Recusa, portanto o mátrio leite e aguça vosso apete com o leite da sapiência.
Diga-me, logo, a Faculdade que elegestes.

ESTUDANTE: Cursarei a UFRGS, pois quero ficar erudito, perceber tudo o que há na Terra, e tudo o que no céu se encerra, natureza e ciência ao infinito.

MEFISTÓFELES: Pois trilhai esta pista e não deixe que algo vos distraia.
O tempo, aproveitai, que ele é tão fugidio. Mas a ordem faz ganhar tempo, é por isso que vos indico como número um, sem mais aquela, o DAD. Tereis lá o espírito adestrado e em borzeguim bem apertado, para que com comedimento, se arraste na órbita do pensamento, sem que a torto e à direito vá, se balancear para lá e para cá.

ESTUDANTE: Não vos compreende bem, confesso.

MEFISTÓFELES: Logo compreenderéis bem. Basta abreviar tudo ao mais breve, classificando-o, após, como se deve.

ESTUDANTE: Tudo isso me deixa tão tolo, como se um moinho me andasse no miolo.

MEFISTÓFELES: As aulas diárias são cinco, cuidai de entrar na hora certa, de antemão, preparado, pronto. E cuido para que nada ensinem em excesso, do que no livro se acha impresso. À escrita dedicai-vos, como se vos ditasse o Espírito Santo.

(à parte)

Farto estou já do tom pedante. Torno a fazer-me - demônio.

Medicina, jurisprudência, teologia se entende num já! A gente estuda o mundo e deixa como deus praz. Então, erra o aluno ao redor da ciência. Cada um apreende o que pode aprender. Mas, quem se agarra ao momento oportuno, é quem na vida há de vencer. Comprima o pulso, cinja a alma e una os laços. - Gris, caro amigo é toda a teoria, e verde a áurea-árvore da vida.

ESTUDANTE: É um sonho, juro! Posso visitá-lo outras vezes e lhe ouvir a fundo a magistral sapiência?

MEFISTÓFELES: Farei o que puder, com gosto.

ESTUDANTE: Por mercê, neste meu álbum Vossa Graça um sinal me dê.

MEFISTÓFELES: Pois não!

(escreve e devolve o álbum)

ESTUDANTE: (lê em voz alta) Eritis Sicut Deus, scientes bonum et Malum.

(fecha o álbum e se despede)

MEFISTÓFELES: Vai-te! Segue o velho adágio e a minha prima, a cobra. Por igualar-te a Deus, e queres fazer Arte-Dramática, afligir-te-ás de sobra!

(Fausto entra)

FAUSTO: Para onde vamos, pois?

MEFISTÓFELES: Para onde te aprouver. Ver o pequeno mundo e o grande, eis o mister. Com que alegria e que proveito experimentarás o prazer e seu efeito!

FAUSTO: Jamais soube adaptar-me ao mundo, ante os outros sinto-me pequeno, sempre estarei sem jeito em tudo.

MEFISTÓFELES: Isso se arranja, amigo, sem pesares. Hás de sobreviver, assim que em ti confiares.

FAUSTO: Para sair de casa, no entanto, onde tens carruagens, ~~é, não, pagantes, não?~~

MEFISTÓFELES: Estendamos nossos mantos pelo vento e vamos viajar pelos ares. (Corpo de baile em movimento de vôo) Para esta empresa audaz e nova não precisará de bagagens. Com um ar flâneo sairemos do solo. E sendo a carga leve, mais rápida será a subida. Meus parabéns e avante a uma nova vida!

(ainda evoluções do elenco de apoio. Allegretto. Cantos e danças. Símbolos de vida).

CENA DA TABERNA - (Leipzig)

Este texto é substituindo por cantos e danças coloridos e medievais. O ritmo é de Taberna e os beberrões sairão do coppo de baile.

Estes movimentos param na entrada de FAUSTO E MEFISTÓFELES.
MEFISTO CANTA:

Era uma vez um rei
De um pulga era possessor
queria-a como a um filho
tinha-lhe tanto amor.
Seu alfaiate prestes,
Chamou: "Ao nobre bicho enfie as mais ricas vestes e calças a capricho!"

A seda e os brocados
Fazia agora juz
e a jaquetões bordados
e a fitas e uma cruz.
E se tornou Ministro
com ordem estrelada.

E a corte toda vinha
morrendo de mordidas,
o pajem e a rainha,
doídos e roídos,
sem poder rechaçá-los ou moe-los;
Era a ordem!
Podemos nós calçá-las
Tão logo quando mordem.

CORO : Podemos nós calçá-las
Quando mordem.

UM DOS BEBERRÕES: Bravos! Bravos! Canção fina!

OUTRO: De toda a pulga seja a sina!

OUTRO: Pegai-as na unha, de fininho!

OUTRO: Um viva à liberdade e ao vinhó!

(continuam os cantos e as danças)

(pequena mudança de cenário. Black-out.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA DA COZINHA DA BRUXA:

(Um grande caldeirão está no fogo da lareira da ceia. Diversos vultos e vapor que exala. As paredes e o teto serão adornados com os mais diversos apetrechos de feitiçaria.)

(entrada de Fausto e Mefistófeles)

FAUSTO: Da mágica infernal repele-me a loucura. Me prometes por acaso cura, nesse sarapatel que só emana delírios? Pedir conselhos à uma velha caquética? Tens só isso para mim? Ai de mim! Me encobre a esperança!

MEFISTÓFELES: Falaste com razão extrema, meu amigo. Para te remoçar, existe um sistema natural. Mas noutro livro está escrito e é um capítulo esquisito.

FAUSTO: Quero sabê-lo

MEFISTÓFELES: Bem, um meio existe para isso. Se obtém sem médico, sem ouro e sem feitiço. Vai para o campo, maneja a enxada, ativa o arado, conserva-te a ti e tua mente, num círculo de chão limitado. Te nutre com alimento puro, nutre-te como o gado, vive entre o gado e em suores cotidianos. Aduba o campo e não temas a aridez. Para te remoçar setenta anos é o melhor dos sistemas!

FAUSTO: Não me convém. Não sou habituado a isso. É um serviço - muito árduo. A vida rústica não é comigo.

MEFISTÓFELES: Pois então, receba a bruxa, meu amigo.

FAUSTO: Por que há ser aquela velha? Me prepara tu mesmo o líquido!

MEFISTÓFELES: Pouco se aconselha o passatempo! Poderia, entre tanto edificar mil pontes. Não se trata só de arte e ciência, mas sim de muita paciência. Um gênio quieto longos anos atuará. Só o tempo força - dá ao fermento e a tudo o que dele faz parte. São coisas finas, não sei como preparar. O diabo nos instrui na arte mas não nos dá poderes de execução.

FAUSTO: (se mirando num espelho) - Que vejo? Que visão celeste. No espelho mágico me revela cupído. Me leve em suas asas até esta donzela, se ousar avançar como neblina a etérea aparição fina! Visão encantadora de mulher. Como é bela a forma feminina! Devo ver neste corpo um lânguido-quebranto e a criação divina? Na terra há formosura tal?

MEFISTÓFELES: Farta-te de olhar por hoje.

(Mefistófeles se abana com uma ventarola estirado em uma poltrona a espera da bruxa. Fausto continua maravilhado com o espelho-mágico)

MEFISTÓFELES: Num trono estou, como o rei em pessoa. O cetro tenho aqui, só me falta a coroa.

(as sombras do elenco de apoio arranjam uma coroa para Mefistófeles.)

FAUSTO: Me gira o miolo! Sinto que enlouqueço! Ai de mim!

MEFISTÓFELES: Meu miolo também gira aos quatro ventos

FAUSTO: Meu peito está ardendo. Fugamos já!

MEFISTÓFELES: (na mesma posição) (apontando os bailarinos) Bem, pelo menos devemos reconhecer que eles são bons - dançarinos.

(O caldeirão começa a transbordar. A bruxa aparece.)

(gritaria e ruídos. Atabaques. Ritmos de terreiro)

BRUXA: Ai! ai! ai! Mona!
Peste maldita!

(Avista Fausto e Mefisto)

Quem é o pessoal? Quem sois? Que quereis aqui? Como achastes a entrada? Brasa inflamada vos roa a ~~os~~çada.

(pega a escumadeira e ameaça os dois com o fervente líquido)

(gemidos e uivos de canção africana. Ritmos. Gritaria)

MEFISTÓFELES: (furiosos com o abano na mão, começa a bater nos instrumentos e panelas)

Ai! meto o pau! Lá vai teu mingau. Lá vai a caldeira, o ritmo matreira para o teu sarau!

Sabes quem sou, esqueleto, monstro? Vês teu senhor e teu amo e não pasmas? Por pouco não te arraso a ti e ao teu bando. Não respeitas meu gibão rubro? Não vês a pena azul de galo? Meu rosto a caso não descubro? Meu nome ignoras? Devo eu declará-lo?

BRUXA: Perdoai-me, mestre a rude saudação! Nenhum pé de cavalo - vejo. E os vossos corvos onde estão?

MEFISTÓFELES: E ainda vens com gracejos? Ora, o diabo se modernizou. Onde vês chifres, garras, rabo? E quanto ao pé, que não dispenso, sinto que devo cobrí-lo em público, pois serei considerado intruso. Eis por que há muito tempo uso estas falsas botinhas.

BRUXA: (dançando) Perco a razão. Perco o sentido. Ao ver Dom Sa-
tanáz aqui metido!

MEFISTÓFELES: Mulher, proíbo esse apelido!

BRUXA: Porque? O que acontece com Satanáz?

MEFISTÓFELES: No livro das ficções está há tempos gravado. Para
os homens o gênio mau se foi, mas os maus têm fi-
cado. Sou cavalheiro como os demais, aliás. Podes
me chamar de Senhor Barão. Do meu sangue fidalgo-
não duvidarás. Olha prá cá, aqui está meu brasão!

(faz um gesto obsceno)

BRUXA: (rindo imoderadamente) - Ha! ha! Pois sois vos sem engã-
no!

MEFISTÓFELES: (a Fausto) Aproveita a lição, amigo. Com bruxas-
se lida com picardia!

BRUXA: Há algo, senhores, que eu possa fazer?

MEFISTÓFELES: Sim, um bom copo de bebida mista, mas venha a mais
forte, rogo. Duplo vigor. Dose dupla!

BRUXA: Pois não! Tenho aqui um vidro, cujo conteúdo também eu be-
bo! Dou-vos com gosto uma medida. (baixinho) Mas se esse
homem sem preparo beber, sabeis que não terá sequer uma
hora de vida.

MEFISTÓFELES: É um bom amigo. Faz juz a teu extrato mais seguro.
Traça teu círculo. Entoa o esconjuro, enche uma ta-
ça cheia e dá-lhe!

(a bruxa com gestos frenéticos, risca um círculo dentro do qual
coloca diversos objetos. Começam a toar os atabaques e o elenco-
de apoio canta músicas de terreiro. Ritmos.)

FAUSTO- (a Mefisto) Não! Me diz o que vai sair daí. O frenesi,
o insípido feitiço, o logro absurdo e repugnante conheço.
Odeio-os bastante!

MEFISTÓFELES: Ora, mas é prá rir! Não te equivoques! É demais mo-
ralista teu conceito. São artes de berliques e ber-
loques, para que a poção surta o melhor dos seus e
feitos.

(obriga Fausto a entrar dentro do círculo)

BRUXA: (começa a ler um livro e a declamar com ênfase)

Vê, por quem és, do um faze dez, no dois e três um traço -
indicas e rico ficas. Põe fora o quatro! Com cinco e seis-
diz a bruxa, fareis, sete e oito, e a conta quase está -
pronta: E o nove é um, mas o dez é nenhum. Das bruxas is-
so é tabuada comum.

FAUSTO: Delira em febre a criatura?

MEFISTÓFELES: Nem terminou, isso demora. Conheço o livro. É assim que diz. Que tempos eu gastei nisso! A arte é velha e nova, meu amigo. Semear o erro em vez da verdade, por três e um e um e três em toda a parte, é o uso em qualquer idade. Assim leciona-se e discursa-se a gosto. A lidar com bufões quem está disposto? E os homens quando estão a ouvir frases de estilo, pensam que deve haver o que pensar na quilo.

BRUXA: (continuando) - A superpotência, da magna ciência do mundo escondida! Quem não pensa é que tem de presente, sem canseira e lida.

FAUSTO: Mas o que é que diz? Quanto doidice! Estoura-me a cabeça aos poucos. Palavra, é como se eu ouvisse falar um côro de mil loucos.

MEFISTÓFELES: Então está bem. Basta, basta querida Sibila. Teu suco mágico destila e vai enchendo a taça.

(a bruxa coloca o líquido numa taça e dá para que Fausto beba)

MEFISTÓFELES: Vamos, engole! Num ai, delícia em ti estará derramada! Como! és tão íntimo com o diacho e te apavoras com o calor?

(a bruxa desmancha o círculo. Fausto sai dele.)

MEFISTÓFELES: (para Fausto) - Vem, vem depressa, eu te conduzo; Terás de transpirar em profusão, prá que dentro e fora a força vá atuando. Depois, da ociosidade o apreço te ensino. Em breve sentirás com o gosto - mais genuíno, cúpido estrebuchando em lépido desmando.

FAUSTO: Só quero ver no espelho a tal aparição. Mulher nunca - houve como aquela!

MEFISTÓFELES: Não! não! Há de surgir-te em carne e osso a visão , e do sexo a flor mais bela.
Com esse licor na carne abstêmia
Verás Helena em cada fêmea.

CENA DA RUA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(tema de Margarida.)

(Fausto vê a mesma moça do espelho mágico)

FAUSTO: Formosa dama, posso ousar oferecer meu braço e companhia?

MARGARIDA: Nem dama, nem formosa sou, posso ir para casa só e vou.

FAUSTO: Por Deus! Essa menina é linda! Igual não vi ainda. Tanta virtude e graça tem, mesmo com aquele arzinho dedesdém. A boca rubra, a luz da face, lembrarei até a morte! O modo como abaixa a vista, fundo em minha alma fica. Sua aspereza e pureza, aquilo então, é uma delícia!

(para Mefistófeles)

Escuta, tens de me arranjar aquela mocinha!

MEFISTÓFELES : Bem, qual?

FAUSTO: Passou por aqui agora!

MEFISTÓFELES: Aquela! Ah! Vinha da igreja! Falou com o padre que a achou inocente. Passei perto do confessionário. É uma jovem muito ingênua e boa, que foi à confissão à toa. Sobre essa eu não tenho poder.

FAUSTO: Mas, deve ter uns quatorze anos já.

MEFISTÓFELES: Irra! Falas como o João Corruptor. Pra si cobiça - cada flor, e julga que não existehonra. Isso não - dá certo.

FAUSTO: Ora, me deixa em paz com teus sermões! Saiba, para todos os efeitos, que se hoje à noite eu não a tiver nos braços, à meia-noite lhe dou adeus!

MEFISTÓFELES: Mas pensa com mais calma e juízo! Eu preciso de pelo menos uns quinze dias!

FAUSTO: Tivesse eu sete horas de prazo! Do diabo não faria caso e possuiria essa menina!

MEFISTÓFELES: Mas te gabas como um francês! Não fiques indisposto. Por que usufruir logo o prazer? Mais vivo e maior será, se com quindins preliminares, ofereceres a bonequinha humana. Isto nos ensina a história italiana.

FAUSTO: Tenho bons apetites sem isso.

MEFISTÓFELES: Só mesmo usando de artimanhas a presa vais apanhar. Mas que não seja tão depressa!

FAUSTO: Leva ao lugar desse anjo formoso. Traze-me um lenço do seu seio que enlaço com meu ardente anseio!

MEFISTÓFELES: Hás de ver com que afã te ajudo nesse teu penas de amor agudo. Te levo hoje ainda a sua alcôva.

FAUSTO: Vê-la-hei, então? Será minha?

MEFISTÓFELES: Sim.

FAUSTO: Vem, pois!

MEFISTÓFELES: É cedo ainda!

FAUSTO - E arranja, sem demora, para ela alguns presentes.

MEFISTÓFELES: Presentes, já? Bem, não falhas na conquista! Sei de alguns belos logradouros, que na terra ocultam alguns tesouros. Passarei em revista.

CENA DE MARGARIDA (SÓ)

(canta e dança na boca de cena. O elenco de apoio acompanha - com movimentos e panos o ritmo de Gretchen)

(arruma o cabelo)

Quem me dera saber o nome e quem era, o Senhor que hoje apareceu! Se deriva de alta casa, pois a figura é muito ativa. Na frente dele isso se lia... Isso prova sua ousadia.

CENA DE FAUSTO E MEFISTO E A CAIXA DE JÓIAS

*Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025*

MEFISTÓFELES: Venha, de mansinho!

FAUSTO: (depois de um tempo de silêncio) - Por favor, deixa-me sozinho!

MEFISTÓFELES: (olhando ao redor) - Poucas jovens têm tanto a linho!

(SAI)

FAUSTO: Salve, ó clarão crepuscular que neste asilo te entretences! Enche-me o coração do amor, que com teu langor a queces! Como respira aqui a quietude, neste cubículo!
Ah! Que bem-aventurança! Sinto flutuar, aqui, ó menina, teu gênio de ordem e harmonia, que, maternal os - teus passos guia. Oh, mão doce a angelical! Fazes da choça um reino celestial. Que emoção estranha e doce - eu sinto! Miseró Fausto, ah! Já não te conheço.

MEFISTÓFELES: Ligeiro! Anda! Ali vai ela!

FAUSTO: Vem! Vem! Jamais hei de voltar!

MEFISTÓFELES: Eis um estojo que retirei de outro lugar. Escondi por dentro. Ela perderá o juízo, abrindo o cofre. Pus dentro um molho de berloques.

FAUSTO: Não sei se devo?

MEFISTÓFELES: Irra, este homem cansa! Pensas então ficar tu com a riqueza? (Põe a caixinha no baú e fecha a chave)
Fora daqui! Ela vem vindo! Vamos!

CENA DE MARGARIDA E A LÂMPADA:

(Canção do Rei de Tule. Canta enquanto descobre a caixinha de jóias)

Havia um rei em Tule
Té ao túmulo constante
Ao qual morrendo dera
Um copo de ouro a amante.

A bem algum quis tanto,
nas festas o esvaziava;
Quando bebia, em pranto
o olhar se lhe arrastava.

E no ato derradeiro,
reino, honras, tesouro,
legou tudo ao herdeiro,
menos a taça de ouro.

Ergueu-se à mesa real,
de seus barões rodeado,
no alto paço ancestral,
pela maré banhado.

Sorveu, ereto o ancião,
a última gota ardente;
e a santa taça em mão,
lançou-a na corrente.

Flutuar, viu-a e afundar
nos fluxos abismais.
Nublou-se o seu olhar,
não bebeu nunca mais.

(acha a caixinha de jóias.)

Que linda caixinha! Como parou aqui? Não sei se devo abrí-la!
Deus do céu! Que é isso? Em minha vida nunca vi coisa igual!
Que adorno! Não me ficaria mal em festas santas. (enfeita-se
com a jóia) Ai, de nós pobres!

CENA DO PASSEIO:

(Fausto e Mefisto passeiam prá lá e prá cá.)

MEFISTÓFELES: Com mil traições de amor! Com o inferno e os e-
lementos! Quisera conhecer praguados mais odien-
tos!

FAUSTO: Mas que tens? Que te aborreceu? Nunca vi cara assim -
tão brava!

MEFISTÓFELES: Irra! Ao demônio me entregava, se não fosse o
demônio eu!

FAUSTO: O que acontece com tua mente? Esbravejas como um demen-
te!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MEFISTÓFELES: Pois vê, os adornos que eu trouxe para Gretchen, um padre se apoderou deles há pouco! A mãe dela, disse: (imita a mãe)"Filha, posse indevida, vamos doar a jóia a Virgem Maria, que em troca nos dará o maná celestial". Margarida não queria, mas resolveu proceder direito.

FAUSTO: É de praxe as beatas doarem à Igreja.

MEFISTÓFELES: Em troca de umas poucas graças embolsou a jóia. E elas se acreditam eficacadas!

FAUSTO: E Guidinha?

MEFISTÓFELES: Está inquieta.

FAUSTO: Com seu desgosto me aborreço. Tens de arranjar-lhe outro adereço. O antigo, aliás, pouco valia.

MEFISTÓFELES: Sim, para o meu Senhor tudo é ninharia!

FAUSTO: Anda, vai ! Não caias na frouxidão diabo! Corre e tráz mais jóias.

MEFISTÓFELES: Se Vossa Graça assim o deseja...

(Fausto sai)

Louco amoroso, vai esbanjar, sol, lua, estrela, como fumaça, para o benzinho agradecer...(ri)

F R A G M E N T O :

(corpo de baile, ou elenco de apoio estarão de verde musgo , compondo jardins. Antecedem a cena do jardim. Allegro de Mozart.)

CENA DO JARDIM:

(Margarida de braço dado com Fausto. Marta e Mefisto. Passeiam)

MARGARIDA: O senhor me confunde. Como pode me admirar e ao meu palavreado?

FAUSTO: (Fausto beija a mão de Margarida e diz) Meu nome é Henrique.

MARGARIDA: Como podeis beijar minha mão? É tão feia, áspera e indecente!

MARTA E MEFISTO: (foram subtraídas essas falas. Apenas compõem a cena)

MARGARIDA: Longe da vista minha, sofrerei senhor Henrique!

FAUSTO: Ah! inocência e singelez...

MARGARIDA: Pensai um instantesinho em mim pois para pensar em vós tenho tempo bastante...

FAUSTO: Viveis muito só?

MARGARIDA: Sim, nossa casa é pequena, mas deve ser cuidada. Não temos serva. Eu coso, lavo e esfrego cada quarto.

FAUSTO: Me reconheceste, assim que entrei no jardim?

MARGARIDA: Não notastes? Abaixei a vista.

FAUSTO: E já me perdoaste o atrevimento de te abordar quando saias da Catedral aquele dia? -

MARGARIDA: Jamais me aconteceu isso. Estava por isso aflita.

FAUSTO: Meu amor!

MARGARIDA: Um momento. (Toma um mal-me-quer, bem-me-quer nas mãos e desfolha as pétalas) -

FAUSTO: Que é?

MARGARIDA: Nada, é brincadeira...

FAUSTO: Como?

MARGARIDA: Haveis de dar risada!

FAUSTO: Que dizes?

MARGARIDA: Bem-me-quer, mal-me-quer...

FAUSTO: Doce alma de mulher...

MARGARIDA: (desfolha a última pétala) Bem-me-quer!

FAUSTO: Sim, meu anjo. Bem te quero!
(toma-lhe as mãos)

MARGARIDA: Ah, que tremor!

FAUSTO: Não estremeças! Isso é inexprimível. Esse êxtase eterno! Eterno! Sim! Seu fim seria o desespero. Não, não, sem fim, sem fim! -

(Margarida foge)

(a noite cai)

FAUSTO: Foges de mim, arteira?

MARGARIDA: (Abraçando-o) Amado meu! Amo-te com a minha alma inteira!

Mefistófeles chega por trás de Fausto. Este bate os pés.

MEFISTÓFELES: Amigo!

FAUSTO: Bruto!

MEFISTÓFELES: Anda, sê breve! É tarde. A noite cai.

FAUSTO: Permita que vos leve à casa.

MARGARIDA: Céus! Minha mãe... Adeus!

FAUSTO: Adeus, então!

FAUSTO E A CENA DA GRUTA:

FAUSTO: Sublime gênio, tens-me dado tudo, tudo o que te pedi. Por reino me deste a infinita natureza, e forças por senti-la e penetrá-la. Me deixaste sugar a fundo o seio, como se fosse o peito de um amigo. Expões-me à multidão dos seres vivos, e a conhecer, ares, águas. E quando o furacão no mato ruge, e troando o morro a queda acompanha, então, me levás à tranquila gruta, revalas-me a mim mesmo, e misteriosos prodígios se abrem em meu peito. A lua límpida apa-rece ao meu olhar. (corpo de baile começa os movimentos de suprema exaltação à natureza) Este bosque e visões de outrora me instigam ao gozo da contemplação. Mas nunca é doada a perfeição ao homem. Ah! Como o sinto agora! Esse êxtase que mais e mais dos deuses me aproxima, juntaste - um companheiro que não posso mais dispensar, embora, com insolência me avilte a mim próprio, e um mero bafo seu re-duza as tuas dádivas à nada. Me alimenta o peito um fogo-intenso, que por aquela linda mulher arde, e assim vou - do desejo ao gozo, e no gozo ando a ansiar pelo desejo.

(Entra Mefisto)

FAUSTO: Nada mais tens a fazer, que vim me turvar a paz?

MEFISTÓFELES: Bem, bem, já te deixo só. Contigo, rude e inculto - companheiro pouco se perde. Trabalho para ti o dia inteiro e o que praz ou não praz ao cavalheiro ja-mais estará escrito em seu nariz.

FAUSTO: Bons modos! Vens me aborrecer e ainda gracejas?

MEFISTÓFELES: Que vida, pobre térreo ser. E a vida que levavas tu sem mim? Da comichão das fantasias, muito te curei-com minha escola, e não fosse eu, já terias te esca-pado da terrestre bola. Por que ficas como coruja - enterrado nesta gruta? Ainda habita em ti o doutor.

FAUSTO: Não vês a energia que tenho quando na solidão me abrigo? Diabo infeliz, ah! se pudesses compreendê-lo e não roubar meu feliz desvelo.

MEFISTÓFELES: Um prazer supra-real, celeste! Jazer na escuridão e ermos agrestes. Sentir-se derrepente uma divindade. E no afã do Eu soberano extravasar-se em êxtase per-feito e dar cabo à tua potência de macho... (gesto obsceno) Não me perguntes de que jeito.

FAUSTO: Que a vergonha caia sobre ti!

MEFISTÓFELES: Não gostas de ouvir, e poderás gritar vergonha com recato. Basta! Lá dentro teu benzinho te espera, triste e sombria. Coitada, não lhe saís da mente. Tem ela amor arquipotente. Julgo, então, que ao invés de entronizar-se nestas matas, convinha a esse grão senhor, era pagar com gratas provas a amor da pobre inocentinha.

FAUSTO: Cobra! Cobra! Perverso! Foge e não me acenes com a imagem da formosa criatura!

MEFISTÓFELES: Mas que é que tens? Estás fugindo?

FAUSTO: Olhe, não posso negar! Invejo até o corpo de Deus, quando seus lábios tocam.

MEFISTÓFELES: Tambémeu tive inveja muito daqueles seios que em seu corpo pasta.

FAUSTO: Foge, alcaíote!

MEFISTÓFELES: Bem, ralhais e rindo estou. Já que Deus criou o homem e a mulher, inventou imediatamente o nobre ofício de armar o ensejo mais propício. Mas vamos! Que aflição cruciante! À alcôva ireis de vossa amante, e à morte não!

FAUSTO: Dará certo. Eu, um pária em degredo. E ela com sentidos-infantis. Fui arruiná-la ela e sua paz! Tu exigiste esta vítima, Satanáz! Demônio, põe fim à minha espera ardente. Que aconteça logo o que acontecer nem que o destino desabe sobre mim e com ele eu pereça!

MEFISTÓFELES: (irônico) Oh! Como efervesce e arde o amor! Asno testudo! Onde esta cabeça a solução não encontra - põe logo fim em tudo. Viva aquele que mantém bem rijo o pulso, és endiabrado já. E na terra nada é tão insípido quanto um diabo que se desespera.

CENA DA PAIXÃO DE GUIDINHA:

(Música. Margarida está só.)

(danças e cantos)

SEGUNDA CENA DO JARDIM:

MARGARIDA: Promete, Henrique?

FAUSTO: O que eu puder!

MARGARIDA: És um bom homem. Mas tens pouca religião.

FAUSTO: Sentes que te amo. Deixa o resto, querida. A quem amo eu daria o sangue e a vida. Não roubarei a crença nem a igreja de ninguém.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MARGARIDA: Não basta me amares! Tendes que crer também.

FAUSTO: Devo?

MARGARIDA: Ah, se eu pudesse contigo receber os sacramentos.
Crês em Deus?

FAUSTO: Querida, que lábios podem dizer: "Eu creio em Deus?"

MARGARIDA: Não crês, então?

FAUSTO: Compreende bem, meu coração. Quem o pode nomear? Quem pode dizer, eu creio nele. Toda essa ventura, esse momento, nomeia como quiseses: Extase, amor, coração, Deus! Não tenho nome para isso. O sentimento é tudo.

MARGARIDA: Tudo bonito o que disseste. O padre também fala assim, só que de modo tão diverso.

FAUSTO: É o que dizem em todo o Universo. Todos os corações. - Por que não posso eu dizer na minha linguagem?

MARGARIDA: Me dói muito ver que andas em tão má companhia.

FAUSTO: Que dizes?

MARGARIDA: Esse homem que anda ao teu redor. Odeio-o da minha - mais profunda alma. Em minha vida jamais vi rosto de tão vulgar feição.

FAUSTO: Meu anjo, não o temas, não!

MARGARIDA: Ferve-me o sangue, quando está por perto. Tenho um íntimo pavor. Aquela cara de sarcasmo. E meio irada. Detesta todo o ser humano. Está escrito em seu rosto.

FAUSTO: Presságios da santa inocência!

MARGARIDA: Causa-me tanta angústia que julgo não te amar mais.

FAUSTO: É antipatia, já sei.

MARGARIDA: Meu Deus, devo ir. É tarde!

FAUSTO: Ah! nunca posso ficar mais que uma hora contigo? Penetrar em tua alma e em teu peito adormecer?

MARGARIDA: Dormisse eu só. Com que prontidão te deixaria hoje o trinco aberto. Mas minha mãe tem sono leve.

FAUSTO: Meu coração, não te importes com isso. Eis um vidrinho. Dá para tua mãe essa poção que em fundo sono a envolve-rá.

MARGARIDA: Há algo que eu não faça por ti?

(entra Mefistófeles)

MEFISTÓFELES: O macaquinho se foi?

FAUSTO: Eis nosso espreitador!

MEFISTÓFELES: Com efeito. Ouvi todo o sermão. Catequizaram o senhor doutor. Que lhe seja de proveito.

FAUSTO: Não vês, monstro malquerente, como aquela alma amante e pura se derrama em fé?

MEFISTÓFELES: Galã sensual, ultra-sensuaã, pelo nariz te leva a donzela.

FAUSTO: Ente infernal do fogo e do lodo.

MEFISTÓFELES: Sim, isso de fisionomia é com ela. Ao ver-me fica aflita. Sabe que sou o diabo...
E hoje à noite?

FAUSTO: Isso é contigo?

MEFISTÓFELES: Também terei prazer, amigo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA DA MATER DOLOROSA

(a poesia é dita, enquanto cânticos alemães sussuram o Mater Dolorosa. Elenco de apoio e luzes e barulhos de fonte)

F R A G M E N T O:

(Margarida semi-nua é acusada. Sonho. Volta do Príncipe da Áustria, batizando Margarida com água. Ela se nega.)
(música inicial. Mendelsohn e Canto Medieval)

CENA DA NOITE DE WALPURGIS

(Cantos e aparição do fogo-fátuo. Ruídos)

(sem texto. Ouro e prata são mostrados por Mefisto à Fausto. Deus Mamom.)

(Elenco de apoio. Luz e som)

F R A G M E N T O:

ALQUIMIA. APARIÇÃO DO ARQUIVELHO MEFISTO. O DIABO ANTIGO. A PEDRA FILOSOFAL E MYSTERIUN CONJUNCTIONES.

CENA DO BAILE

(aqui começa o prazer suprat^{er}restre de Fausto)

(danças e cantos) (O elenco de apoio dança em meio a feiras e chamadas de vendilhões.)

FAUSTO: Que feira! A cabeça me gira já.

MEFISTÓFELES: Para o alto afluí a enxurrada. A gente crê que empurra e vai sendo empurrado.

FAUSTO: Quem é aquela?

MEFISTÓFELES: É Lilith. Olha-a com atenção.

FAUSTO: Quem?

MEFISTÓFELES: A primeira esposa de Adão. Cautela com a trança formosa. Que quando algum mancebo a alcança tão cedo a presa não larga.

FAUSTO: Aquela velha e a moça que estão sentadas na fileira já dançaram que não é brincadeira.

MEFISTÓFELES: Bom, hoje a gente não descansa. Música nova. Vamos entrar na dança!

FAUSTO: (dança com a jovem) Tive um sonho tão lindo. Vi duas - maçãs numa macieira, que tão lindas eram, fui trepar a macieira.

A JOVEM: Já almejastes, então as maçãs do Éden? Quanto alegria sinto em mim, por ter iguais em meu jardim.

MEFISTÓFELES: (com a velha) Um sonho obsceno outrora tive. Num tronco aberto me detive. Um... era o que tinha ; mas mesmo assim me convinha.

VELHA: Permita o ilustre par saudá-lo. Senhor do pé de cavalo! Tenha um... ao dispor. Se não temer seja o que for.

(segue o baile.)

MEFISTÓFELES: (à Fausto) Sentar-se-há logo em charco lodacento. Está procurando alívio. Veja, a pálida donzela. Chi, para cá se arrasta o caracol.

FAUSTO: Meu Deus! Como se parece com Margarida!

MEFISTÓFELES: Esquece essa visão! Não tem vida! É miragem. Faz com que a gente a pedra se reduza. Sabes bem a história da Medusa.

FAUSTO: Verdade. O olhar é de uma morta. É o seio de Margarida!

MEFISTÓFELES: Ingênuo! É mágica, mais nada! Cada um vê nela a sua bem-amada.

FAUSTO: Quanto delícia! Que penar! Não posso fugir àquele olhar!

MEFISTÓFELES: Esquece! Sua cabeça foi decepada por Perseu. Ah! tu, sempre esse gosto de quimeras! Vejo lá uma - rribalta. Vamos!

CENA DO SONHO DA NOITE DE WALPURGIS

F R A G M E N T O :

Entra novamente o Diretor, o poeta e o bufo.

Pára tudo. Distanciamento.

(Elenco de apoio e sonho com o príncipe da Áustria)

(som. luz. elenco de apoio.) (Danças em movimento muito lento. Delírios de Fausto).

DIRETOR: (luz real, por enquanto) Hoje estamos em repouso. Por isso o cenário se restringe.

POETA: Para que sejam de ouro as bodas, meio século deve se passar. Mas, depois de todas as brigas, sempre o ouro hei de preferir.

DIRETOR: Saimos do charco. Sapo na água, grilo na relva. Somos farsantes!

(início do sonho. Príncipe da Áustria)

(Margarida aparece acorrentada e louca.) (Música.Luz.Sonho)

Teatro de Avellan

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA DO DIA SOMBRIO:

FAUSTO: Desventura! Desespero! Errante sobre a terra e finalmente prisioneira! Encarcerada como criminosa e entregue a sofrimentos cruéis, a meiga e infausta criatura. Até este ponto! Até este ponto! E tu me ocultaste tudo, traícoeiro, infame gênio. Pois sim, queda-te ali. Revolve os olhos demoníacos dentro da fronte! Provoca-me com o teu aspecto odioso! Encarcerada! Em infortúnio irremediável! E a mim me embalas com faustosas diversões. E dela me ocultas o crescente desespero e a entregas, indefesa à perdição!

MEFISTÓFELES: (impávido) Ela não é a primeira.

FAUSTO: Miserável! Monstro execrado! Volta a ser cão, maldito. Sim, volta a ser cão, maldito, para que eu possa pisarte com meus pés. Não é ela a primeira. Lástima! Miséria! Haverá ser humano que possa conceber isso? Ter soçobrado na mais funda aflição? A mim trespassa-me aos ossos seu infortúnio. E escarneces tu, plácido e sorridente o fado de milhares!

MEFISTÓFELES: Por que te alucinas? Por que , então, entraste em comunhão conosco, se não és capaz de sustentá-la? Almejas voar e não te sentes livre da vertigem? - Pois fomos nós que a ti nos impusemos, ou foste - tu que te impuseste a nós?

FAUSTO: Deixa de arreganhar assim os teus vorazes dentes! Nau-seias-me!

MEFISTÓFELES: Terminaste?

FAUSTO: Tens de salvá-la, ou ai de ti! A mais horrenda maldição te acompanhe por milênios!

MEFISTÓFELES: Não posso desprender os laços da justiça vingadora, não posso abrir os seus cadeados. Tens de salvá-la! E quem foi que a lançou à perdição? Fui eu ou foste tu?

FAUSTO: (olha ao redor, com desespero) - Leva-me a ela! Tem de ser salva!

MEFISTÓFELES: E o perigo a que te expões? Tu és o culpado. Todos esperarão a volta do malfeitor.

FAUSTO: Morte e sangue do Universo sobre ti, maldito! Leva-me a ela e solta-lhe os grilhões!

MEFISTÓFELES: Levarei. Entonteço o carcereiro. Apossa-te das -
chaves e para fora a guie a tua mão humana. Lá me acharei vigilante. Levo a ambos embora. É o poder que tenho.

FAUSTO: Pois vamos, vamos!

CENA DO CÁRCERE:

FAUSTO: Varre-me o corpo um calafrio. Toda a miséria humana está aqui. (uivos e gemidos)
Ela não sente que a ouve o seu amante.

(Margarida se oculta, com medo)

MARGARIDA: Chegou a morte oculta e fria!

FAUSTO: Psiu! Quieta! Vim libertar-te!

MARGARIDA: (Jogada no chão. Se contorcendo.) Se és ser humano
hás de sentir minha agonia.

FAUSTO: Acordarás a guarda, gritando assim.

(pega as corrente e tenta abrí-las)

MARGARIDA: Carrasco, quem te deu tal poder? À meia-noite me levavas? Quem te deu tal poder? Piedade! Deixa-me viver! Espera a aurora, pois são tão nova. E morro, ai, minha pobre vida! Fui bela, eis porque estou perdida! Tão longe estão amado e amores! Murcha a grinalda e as flores se perdem. Não me agarres com essa fúria. Poppa me. Que te fiz?

FAUSTO: Resisto a tão cruenta aflição?

MARGARIDA: Estou em teu poder, bem sei. Deixes pelo menos que meu nenê amamente. A noite toda o acalentei. Nunca a alegria torna a mim.

FAUSTO: O teu amante está aqui, a teus pés.

MARGARIDA: VÊ naquele canto! Sob o arco interno, ferve o inferno, faz o demônio, com fúria troante um pandemônio.

FAUSTO: Guida! Guidinha!

MARGARIDA: É a vóz do meu amante!

(ergue-se e as cadeias se desprendem)

Ouvi-o chamar! Onde está? Estou livre nãinguém me impedir. Quero voar em seus braços! Sentir seus abraços! Chamou-me, estava ali no umbral. No meio do escárnio infernal, por todo o diabólico clamor, ouvi sua vóz meiga, impregnada de amor!

FAUSTO: Sou eu !

MARGARIDA: És tu sim! Oh! torna a dizê-lo!
(agarrada em Fausto)
Oh! dizê-me onde está. É ele. Onde está o pesadelo?

MFAUSTO: Foge comigo!

MARGARIDA: Oh, para onde? (acaricia-o)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

FAUSTO: Anda, vem!

MARGARIDA: Como? E não sabes mais beijar? Amado meu beija-me, como antes. Ou beijo-te eu...

(abraça Fausto)

Ai de mim! Teus lábios são frios. Mudos também.
Teu amor, onde se esconde? Quem me roubou?

(desvia-se dele)

FAUSTO: Vem, segue-me amorzinho! Com muito ardor te acaricio!
Mas vem! Imploro-te, que esperas?

MARGARIDA: (fiando-o) E és mesmo tu?

FAUSTO: Sou eu! Vem vindo!

MARGARIDA: Rompes a corrente. Como é, amigo e não te vais de mim?
Ignoras quem pões livre assim?

FAUSTO: Vem, vem! A noite já clareia.

MARGARIDA: Não sabes? Matei minha mãe, afoguei meu filho. Que há na tua mãe? Sangue? Põe a espada de lado!

FAUSTO: Deixa o passado ser passado. Estás me matando.

MARGARIDA: Não, debes ficar. Não sucumbas! Enterra minha mãe e dá meu seio ao meu filhinho. Ninguém mais ficará - comigo. Já não posso desfrutar da doçura e da paz . Vai-te amigo.

FAUSTO: Se vês que sou eu vem andando!

MARGARIDA : Lá prá fora?

FAUSTO: Ao ar livre!

MARGARIDA: Lá fora é o túmulo. E a morte vem andando devagar. Daqui ao leito do repouso eterno. Já vais Henrique? Ah, pudesse eu também...

FAUSTO: Podes! É só querereres. Vês, a porta está aberta.

MARGARIDA: Não devo. Para mim morreu a esperança. Tão triste é esmolar na indigência. E doendo a consciência. É tão triste vaguear entre estranhos, errante, e vão me pegar novamente!

FAUSTO: Então, fico aqui contigo!

MARGARIDA: Salva-o, corre! Salva o teu filhinho que morre. Seguindo o riacho, perto do moinho. Corre, no tanque - ele está lá. Está com vida, salva-o!

FAUSTO: Torna a ti Margarida! Sê livre é só um passo!
Se é tudo vão o que digo, vou carregar contigo!

MARGARIDA: Larga-me! Não admito a força! Não me agarres desse jeito! Por amor de ti tudo fiz!

FAUSTO: O dia raia, querida! Ah, querida!

MARGARIDA: Dia! Sim! É o último dia! Meu dia de núpcias seria!
Mas não digas que já estiveste com Margarida! O sino tocou, como me agarram e me atam!

FAUSTO: Ah, nunca tivesse eu nascido!

(Mefisto aparece)

MEFISTÓFELES: Avante! Avante! Ou tudo está perdido. Pausa fatal! Não vacileis! Fremem os meus corcéis, a ma drugada alvora!

MARGARIDA: Que surge do solo lá fora? É ele. Ele! Quem busca? Busca-me a mim!

FAUSTO: Tens de viver!

MARGARIDA: A ti me entrego celeste poder!

MEFISTÓFELES: (à Fausto) - Vem, vem! Ou com ela te abandono!

MARGARIDA: Sou tua, pai do ETERno Trono! Salva-me! Anjos, vós sublimes, baixai ao meu redor, cobri-me! Henrique, morro contigo!

MEFISTÓFELES: ~~Ela decidiu~~: *Esta jogada!*

ALTÍSSIMO: Está salva!

MEFISTOFELES: (à Fausto) Aqui, comigo!

ALTÍSSIMO: (admoestando) Henrique! Henrique!

.....

FIM DO 1º ATO

2º A T O:

GRANDE FRAGMENTO:

HIBERNAÇÃO DE FAUSTO:

AQUI SÓ SÃO REGISTRADAS AS FALAS IMPORTANTES DE FAUSTO E MEFISTÓFELES. O RESTO DO TEXTO FOI SUBTRAÍDO.

FAUSTO SONHA, AMANDO, E ACAMADO, RESULTADO DA MORTE DE SUA AMADA. TRABALHO DO ELENCO DE APOIO.

TODAS AS PERSONAGENS FAZEM PARTE DO GRANDE SONHO.

CANTOS E DANÇAS

SONHO 1: O BUFÃO ENTRA ANUNCIANDO A CHEGADA DO SOL.
(LUZ, BRILHO E MAGIA)

SONHO 2: O BUFÃO ANUNCIA A CHEGADA DO ALVORECER.
(CANTOS E DANÇAS. RITMOS MEDIEVAIS)

FAUSTO: Surge o astro! E eu me desvio! Ah! Já não aguenta o sol a deslumbrada e dolorida vista.

Que fique atrás de mim, o sol, portanto!

Contemplo apenas a fonte com crescente encanto.

Mas já surge o arco multicolor! Nítido, no éter se espelhando. É o espelho colorido da vida!

VOZ: Dai ouvido ao troar das horas! Chega o dia. Vem a luz, mágica luz...

O sol é de ouro verdadeiro. E mercúrio é seu servo interesseiro. A dama Vênus é que nos seduz. Guerreira e ameaça o belicoso Marte. (é a voz de Mefistófeles. Ele aparece.)

“ lua e o sol se juntam. Prata com ouro, é a fortuna do mundo! Consegue-se palácios, faces róseas, mãos, jardins, e o homem, feito doutor, consegue o que de nós ninguém mais pode.

(Imperadores, murmúrios, tesoureiros, chanceleres, astrólogos. É a visão dos nove andares do inferno. O elenco de apoio fica com o encargo de transmitir a imagem.)

(FOGO E LÚCIFER)

(PRIMEIROS DELÍRIOS DE FAUSTO)

SONHO 3:

Galeria escura. Fausto e Mefisto.

MEFISTÓFELES: Por que me arrastas a esta ala sombria?

FAUSTO: Não diga! Houve tempo em que não poupaste a sola dos teus pés qualquer desgaste. Agora que tudo me mostraste e que tantos compromissos tenho pensas só em tirar o corpo fora. Sabes o que quer o Imperador? Ver a visão mágica de Pária e Helena. Os máximos modelos humanos. Começa a trabalhar! Prometi ao soberano.

MEFISTÓFELES: Insano! Por que foste prometer tal coisa?

FAUSTO: O teu estilo, companheiro nos levou a isso. Primeiro me fizeste rico. E a ele também. Nos mostraste o ouro e a prata do mundo. Trata pois de divertí-lo.

MEFISTÓFELES: Julgas que assim fácil se arruma.

FAUSTO: Ah! vens tu com a mesma cantilena! Contigo tudo é incerto. És pai de todo o obstáculo.

MEFISTÓFELES: O clã pagão nada tem a ver comigo. Tem ele seu próprio inferno. Mas há um meio.

FAUSTO: Qual?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SONHO 4:

MEFISTÓFELES: As mães.

FAUSTO: Maes? Maês? Qual é o caminho?

MEFISTÓFELES: Nenhum. É o inexplorável. Que não se explora. É o inexorável. Estás preparado? Não há trinco para abrir, e nenhum cadeado. Em solidões ficas vagueando em vão. Noção tens do que é solidão e ermo?

FAUSTO: Me poupa esta falação. Ao antro da bruxa ainda cheira. Não tive de enfrentar o mundo a fio? E em toda a solidão que em mim dava cabo acabei por entregar-me ao diabo.

MEFISTÓFELES: Ainda que teu braço transpusesse o mar e o teu olho transpusesse a vastidão infinita, verias uma após a outra a onda que cresce. Verias lua, sol. Mas nada verás no vácuo eterno, imenso. Não ouvirás sequer teu passo avançando. Não sentirás firmeza onde parares. Antes que te vás, tenho visto que conheces bem o diabo. Toma esta chavezinha.

FAUSTO: Esta coisinha?

MEFISTÓFELES: Pega-a. Verás que não é tão coisinha.

FAUSTO: Oh! Como brilha em minha mão!

MEFISTO: Agora vê o que vale possuí-la? Marca o lugar exato a sua luz. (luz no buraco de Lúcifer) Segue aos baixos. Ela às mães te conduz.

FAUSTO: Às mães! É um golpe que me abala. Por que essa palavra cala tão fundo em mim?

MEFISTO: Como és limitado! Tremes com a palavra. Verás maravilhas.

FAUSTO: Mas é estremeçando que o homem sente o Imensurável...

MEFISTO: Soçobra, pois. Poderia eu te dizer! Tanto faz. Foge do que aconteceu entre nós e ao que viste-. Vai.

FAUSTO (arrebatado) Ao apertá-la sinto nova força.

MEFISTO: É muito perigoso. Um tripé ardente te receberá. Dirige te a ele. Toca-o com a chave.

FAUSTO: Que faço?

MEFISTÓFELES: Bate o pé. Vais terra abaixo.
(FAUSTO BATE O PÉ E AFUNDA)

MEFISTÓFELES: (sozinho)- CRÉ-COM-CRÉ, LÉ COM LÊ, o ai se esconjurá. Pé cura o pé. Risco com carvão quem eu quero. Como o carvão logo após. Ais e ais vão ser ditos .

FRAGMENTO: (distanciamento. Luz real)

O DIRETOR: Devemos encenar uma espectral palhaçada!

O POETA: A peça, após tal sonho há de se intitular: " O RAPTO DE HELENA".

CENA DE FAUSTO E DA CHAVE:

FAUSTO: (Aparecendo)- Que rapto? Eu não sou nada aqui, então? E esta chave? Não está em minhas mãos? Onde estão as mães?

(o elenco de apoio, que simboliza sombras, ri de Fausto.)

VOZ: Que fazes, Fausto, Fausto! Ai de nós! Ai dele!

(explosão)

(FAUSTO CAI AO SOLO. MEFISTO RECOLHE FAUSTO DE ENTRE OS ESCOMBROS)

MEFISTO: Meter-se com malucos dessa laia, faz com que ao próprio diabo tudo saia errado.

(black-out. Tumulto)

CENA DO QUARTO DE FAUSTO: (o velho quarto de Fausto. Inalterado. Vê-se por trás de um reposteiro o vulto de Fausto estendido numa cama)

MEFISTO: Mísero enfeitado! Ah! esse nó de amor que não se dissolve. Quem por Helena foi paralizado, tão cedo à razão não volta.

Nada mudou por aqui. Deve haver mais teias de aranha. Tinta seca e papel amarelado. Até a pena vejo aqui, com que Fausto ao diabo se vendeu. Sim! Ainda no fundo do canudo paira uma gota de sangue seco. Como lhe pedi. Um colecionador ficaria milionário possuindo este quarto. (RI)

(Mefisto sacode as poeiras. O elenco de apoio dança e canta , a música do coro dos insetos)

FRAGMENTO:

Bem-vindo! bem-vindo! Velhoamo de antanho!
Eis-nos zumbindo.
Não nos és estranho.
Semeaste este bando,
sozinhos e aos pares
ei-nos aos milhares
dançando à volta
e os piolhinhos
que também se descobrem

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 538
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MEFISTO: (deleitado) Jovem criação! Como ela me deleita. É só semear, vem com o tempo a colheita. Quanto mais sacudo o trapo, mais eles aparecem.

FRAGMENTO: (hora astral) (MEFISTO ARQUIVELHO)

(os bailarinos dançam. Simbolismos de tempo. Ampulhetas. Dançam as horas.)

MEFISTO:

O quarto permanece como quando Fausto aqui habitava. Qual será a hora astral? Paredes tremeram, portas se abalaram. Ferrolhos, trincos estalaram. Fui buscar tesouros e apenas carvão recolhi; Falta-me aqui ar e luz. (dirige-se a platéia)
Lembrai-vos que é velho o diabo antigo. Velhos ficai, pois, para compreendê-lo).

CENA DO LABORATORIO:

(com características medievais. Aparelhos próprios para finalidades fantásticas)

MEFISTO: Tenho nojo dos colegas da era antiga. Para onde deve seguir a viagem?
Satã é noroeste. Sudeste é meu destino. Devo seguir o trabalho. Quero, no entanto, ver como encurto o caminho.

FRAGMENTOS: (bailes e festins. Coro e sombras.)

FRAGMENTO: (Noite de Valpúrgis clássica. Escuridão)

MEFISTO: (ainda arquívelho) - Qual caos do Norte em miasmas, turbilhões de poeira e brasa, vejo horrendos fantasmas. Aqui e ali me sinto em casa.

FRAGMENTO:

(Luz real. Aparece o diretor e o poeta.)

DIRETOR: Vamos à farsa. O rapto de Helena deliciará nosso Imperador.

POETA: Preciso me alimentar, me purificar. Tragam bálsamos:

(os bailarinos correm em cortejo de absoluto esplendor.
Som. Luz. Cor. Magia)

CENA DE FAUSTO À PROCURA DE HELENA:

FAUSTO: Que é dela? Onde está a vaga que seu pé tocou? E o aroma? Estou na Grécia. Sinto a maravilha, tocando o solo que meu passo trilha. Em mim dormente o espírito arde. Aqui estou. Hei de encontrar! Pressinto! Exploro agora o labirinto.

MEFISTO: (farejando ao redor) Luz pura e fogo por aqui. Estou desambientado. Todos nus. Um ou outro encamisado. A antiguidade é por demais viva. Com senso novo deve se amestrá-la, e à moda atual emplastrá-la. Saudá-la deve o hóspede novo. Às damas, salve! E, aos sábios, velhos grilos...

(elenco de apoio está formado como esfinges)

(Mefisto senta entre elas)

Quão bem estou sentado aqui, sem mais! Conhecem-me por mais de um apelido. Há ingleses cá? Sempre viajam tanto! Haviam de adorar este recanto. Quedas D'água, montes, ruínas clássicas, vetustas pontes.... Em sua comédia antiga, aliás, me vi tachado de - Old Iniquity.

ESFINGE: Que idéia foi?

MEFISTÓFELES: Nem eu mesmo entendi.

ESFINGE: Dos astros tens alguns conhecimentos?
Que achas da conjuntura do momento?

MEFISTO: (Olha para o alto)- Do céu estrelas caem. Meia lua te ilumina. Sinto-me bem nessa íntima campina, a aquecer-me tua pele leonina. Seria um erro tentar a escadada, propões em enigmas teus uma charada.

ESFINGE: Exprime-te como és e será o enigma. Define-te sem máscara fútil:

MEFISTO: (ofendido com a esfinge) Crês que as unhas do hóspede menos arranham, que vossas garras, quando em vítimas se entranham? Tentai!

ESFINGE: (brandamente) Fica aqui se isso te apraz. Logo a ti

.....

mesmo te afugentarás. Em tua terra podes ser Alguém.
Mas aqui, creio, não te sentes bem.

MEFISTO: Ao ver-te no alto, apetitosa te acho. Mas fora, és horrenda da cintura prá baixo.

(sai)

SEGUNDA CENA DE FAUSTO À PROCURA DE HELENA:

FAUSTO: Desperto estou! É uma memória? Serão sonhos? E aquele banho de formas femininas? Que encantador lugar. Aqui abriga a augusta soberana. Parece o, solo estar ressoando. Maravilha! Quero Helena já!

FRAGMENTO: (cenário e miragens de mar. Elenco de apoio murmura e flutura como sereias e ondas. Delírio)
(Som. Luz.)

CENA DO PALÁCIO DE MENELAU (HELENA e elenco de apoio)

HELENA: Muito admirada e odiada muito eu, Helena, da praia venho, onde, pouco antes, o balanço das vagas. Me dá as boas-vindas, tu, nobre palácio, que Tíndaro, meu pai, ao regressar do outeiro, erigiu em suave declive. Deixai que eu entre, como no tempo de Menelau, que me cingiu com nupciais vestes. Narram - com gosto mudo minha história. Mas sem gosto escuto a fábula - da qual sou o mito.

ELENCO DE APOIO: Não negues oh, magnífica dama a posse gloriosa e o mais alto dom. Pois só a ti coube a suprema ventura da formosura. Invencível beleza.

HELENA: Basta! Com meu esposo até aqui naveguei. Venho como - rainha? Ou sou cativa? Quero encontrar tudo como deixei.

ELENCO DE APOIO: Sacia agora no áureo tesouro, deixado por teu pai. O fulgor da jóia e o adereço da tiara. Apraz-nos ver em luta a beleza, com rubis, safiras, pérolas e ouro.

HELENA: Ao sacrifício retorno. Punhal fino, para aos deuses imólar em sacrifício. Nós mortais devemos aceitar o sacrifício. E o oficiante, brandiu o aço sacrificial sobre a vítima, sem no entanto consumir o rito. Intervenção de um Deus ou inimigo próximo.

ELENCO DE APOIO: Rainha, avance para ali com ânimo alto! Não ardeu Tróia? Não vimos a mísera morte?

HELENA: Haja o que houver. Subirei ao palácio sem demora. Galgo os degraus que aos saltos infantis transpunha antigamente.

ELENCO DE APOIO: Caiste pelo aço do machado.

HELENA: Eu presentira. Ai de mim...

ELENCO DE APOIO: É inevitável.

CENA DE FAUSTO COM HELENA:

(cortejo do elenco de apoio e chegada de Fausto com um escravo)

FAUSTO: Oh! Formosa dama, pune esse escravo como te aprouver, ou agracias se quiser. Em pena máxima incorreu.

HELENA: Já que tão alto encargo me conferes, quero ouvir o acusado.

O ACUDADO: Que eu morra! Formosa visão. Vi a ela. E me surgiu o sol no sul. Nada mais vigiei. A beleza que deslumbra nos olhos e na alma. Esqueci corneta e alarme.

HELENA: Não devo castigar o mal que eu trouxe. Que rija sina, ai de mim, me persegue, de eu perturbar em toda parte a alma dos homens. Põe esse pobre homem livre. De culpa é isento a quem os deuses cegam.

FAUSTO: Rainha, a um tempo só, contemplo, atônito, a exímia atiradora e o alvo atingido. O arco que a flecha enviou, ferindo aquele, agora em mim me acerta. Hoje, que sou? Que me resta a não ser render-me a ti.

(ELENCO DE APOIO; EXALTAÇÃO À BELEZA DE HELENA)

HELENA (à Fausto) Desejo conversar contigo, mas, sobe ao meu lado.

FAUSTO: Suma princesa, permita que beije a mão que me eleva ao teu lado. Me outorgues e em mim um servo aúfiras, guardião e admirador.

HELENA: Prodígios múltiplos vejo e ouço, atônita. Quisera perguntar muitas coisas. Mas a branda voz do cavalheiro afaga e me faz emudecer.

FAUSTO: É fácil assim falar, quando a saudade do íntimo nos brota, a alma transborda, vês...

HELENA: Quem com o êxtase se acorda.

FAUSTO: Olvida o espírito a época, o tempo, a idade. Só na hora está...

HELENA: Nossa felicidade.

FAUSTO: Caução, tesouro. Premio e possessão. Quem me confirma?

HELENA: Minha mão.

Tão longe sinto-me de ti e tão junto a ti. E digo arrebatada: Eis-me aqui!

FAUSTO: Treme a voz. Mal posso respirar. É um sonho. Somem o tempo e o lugar.

HELENA: Tão velha sinto-me e tão nova, unida a ti...

FAUSTO: Não negues um destino único e inebriante. Ser é dever e fosse só um instante.

FRAGMENTO:

(Fausto e Helena e uma gruta como a do 1º ato. Sons de instrumentos de corda. Elenco de apoio e sons e luz tudo muito suave.)

HELENA: De delícias humanas se reveste o amor. Mas para êxtase celeste se molda um três encantador

FAUSTO: Forma um todo, então. Perfeito. Minha és: Sou teu.

HELENA: Quero que seja destruído o vínculo teu, seu e meu.

(Fausto e Helena se amam)

CENA DA DESPEDIDA DE HELENA E FAUSTO:

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-026

ELENCO DE APOIO: (dança com véus e geme infortúnios)

HELENA: Confirma-se um fatal e velho dito em mim. Da fortuna e da beleza a aliança é efêmera. Desfez-se o frágil nó do amor, como o da vida. Pranteando a ambos, de mi magoada me despeço. E pela última vez me lanço nos teus braços.

(se abraça a Fausto. A matéria corporal de Helena se dissolve.)
(elenco de apoio. mágica.)

(Fausto tenta reter o manto de Helena. Este também se esvanece por entre seus dedos)

FRAGMENTO: Vozes: De Sileno solta orneio estrídulo a orelhuda besta. (profecias) Nada poupam. Pés fendidos pisam normas e decência. Rodopiantes, cambaleantes, tino e ouvidos se atordoam. Ébrios, taça e jarra apalpam, miolo e pança empanturram. Cuida um ou outro ainda da ordem, mas aumenta o caos. As pipas velhas vazam ao guardar vinhos novos.

CENA DE FAUSTO SOZINHO DEPOIS DE HELENA :

Fausto: Aos pés mirando as mais profundas solidões, piso meditativo este chão. As ondas adquirem um nívea forma feminil! Adquire um molde a areia! Sim! A vista não me engana. Divinal figura de mulher. Helena! É uma visão de encanto que me ilude? Tesouros juvenis jorram do meu peito. O êxtase do teu -

primeiro olhar. Penetra na minha alma e tesouro algum iguala. Cresce em beleza espiritual o ameno vulto. Não se esvanece e ao alto se ala dentro do éter, e do meu fundo ser leva o me lhor consigo.

CENA DAS BOTAS DE SETE LÉGUAS

(Mefisto sai de dentro de uma delas, que passam ligeiro pela cena)

MEFISTO: Que deu em ti? Que pasmaceira? Andar por este ermo pedregoso. Bem, não parece tão estranho, se pensar que insto outrora o ínferno foi!

FAUSTO: Vens tu de novo me aturdir com tuas façanhas!

MEFISTO- (com seriedade) Deus o Senhor sabe a causa de nos ter exilado às profundezas, em que arde fogo cêntrico. Vivemos lá com luz exagerada, em situação incomoda e apertada. A demoniada toda se pôs a tossir e a expelir bofes medonhos. O inferno se encheu de enxofre, ácido e azia. Deu isso um gás, que explodindo, deu nisso que chamam de Terra. Agora a coisa entortou. O que antes era a base, hoje é o pico. Daí é que vem o ensinológico. Virar-se para o mais alto o mais fundo, pois escapamos da livre esfera, para a integração da atmosfera. É segredo bem guardado, pois aos povos não foi tão cedo revelado.

FAUSTO: Não indago nem o porque, nem o onde. Esse Universo foi todo feito suave. Píncaros, abismos, rochas, montanhas e colinas serviram de enfeite à criação. Por seu prazer tudo verdeja e cresce e de absurdos torvelinhos não carece.

MEFISTO: Julgais o que vês! Mas quem estava lá presente, quando aconteceu tudo, sabe bem diferentemente. Vi todas as explosões. Cabe essa honra a Dom-Satã, o andarilho a empunhar bastão de fé. Na ponte a Foz do Diabo arrasta o pé.

FAUSTO: Do diabo vale a pena se ver também, qual o conceito - que a Natureza tem.

MEFISTO: Tanto faz! Seja ela o que for, um ponto imponho! Estava lá o demônio! Somos pessoal de intuitos colossais; violências, convulsões. Vês os sinais! Nada te sacia, mesmo! Viste - tudo, e ainda duvidas?

FAUSTO: Adivinha o que quero, agora!

MEFISTO: Queres uma metrópole graúda, entre arcos, vielas, frontes e becos, feiras de couves e nabos secos. De qualquer modo - seria eu sempre a mira e o centro, por mil aclamado altamente.

FAUSTO: Tal alvo não me satisfaz!

MEFISTO: Construiria um castelo, depois, grandioso, no campo - para o meu repouso, florestas, morros, áreas sem fim, formando esplêndidos jardins. Casinhas intimo-amorosas e mulheres, as - mais formosas, passava um bom tempinho, então.

FAUSTO: És moderno e mau!

MEFISTO: Qual será pois a tua ânsia? Decerto algo que é ousado e belo. Já que tão próximo estás da lua, para ela te atrai o teu desejo?

FAUSTO: Nada. Este âmbito terreno tem para a ação muito espaço.

MEFISTO: A auferir glórias te destinas? Vê-se que andaste com heroínas!

FAUSTO: Nada é a fama. A ação é tudo.

MEFISTO: No entanto, encontrar-se-hão poetas, que a alçarem - tuas gloriosas metas, inflamem com chavões patetas.

FAUSTO: Nada a ti disso se revela. Que sabes do homem? Que deseja? Teu ser de aguda pesquisa, sabe do que o homem precisa?

MEFISTO: Cumpra-se pois tua fantasia! O alcance do teu sonho me confia.

FAUSTO: Meu olhar percorreu o oceano. Cresce e em si mesmo se ondeia. Fiquei amuado.

MEFISTO: (para o público) Que grande novidade! Sei disso há mil anos já.

FAUSTO: (continua, apaixonadamente)- Para conquistar o gozo soberano, quero eu dominar o oceano. Eis meu desejo! Ousas tu apoiá-lo?

MEFISTO: É fácil. Ouves o rufar dos tambores ao longe?

FAUSTO: Guerra outra vez! O sábio não acha isso bom.

(começam sons de guerras e batalhas apocalípticas. Som. Luz. Magia.)

FRAGMENTO: O elenco de apoio representando figuras horrendas começa a descalçar Fausto. (Tema de Fausto)

FRAGMENTO: (cenas de atabaques. ruídos. guerras ainda. Cenas de alquimia. O elenco de apoio simboliza a alquimia. Quintessência.)

CENA DOS TRÊS VALENTÕES:

(Fausto agora está com um capacete dourado, como Dom Quixote.)
(delírios)

MEFISTO: Lá vem meus rapazes, rapidamente.

MATASETE: Se houver quem a me olhar se arroje, dou-lhe com o punho na bocarra. (este tem trajes coloridos)

PEGA-JÁ: (viril e ricamente trajado) - Pegar tudo o que se possa é o que vale. Kixas vazias são apenas uma troça.

TEM-QUE-TEM: (idoso. fortemente armado. Trajes sóbrios)

Nada de bom lucras com isso! Dos bens é rápido o sumiço. Pegar é bom, o pior e conservar. Fica-se grisalho e de nada vale.

FRAGMENTO: Guerra. Coro. Imperador. Bailarinos. Musica. Luz.
Magia)

CENA DE FAUSTO COM OS VALENTÕES:

(simbolizam a vida e o ridículo da velhice. Volta a imagem de QUIXOTE)

(Dançam Fausto e os Valentões. Essa dança deve ser marcial. Sons de atabaques e ritmos de guerra.)

FRAGMENTO: (apenas uma imagem rápida dos Cavaleiros do Apocalipse. São quatro. Imagem e símbolos.)

FRAGMENTO: (com o símbolo bíblico, esclarecer a regressão que fez Goethe no Homem Fausto. Citação do apocalipse.) Aparição - do Arquívelho e Merlin.

CENA DO PEREGRINO:

(Fausto bíblico já. Meditação profunda)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-021

FAUSTO: Este tilim maldito vem me interromper a meditação! Qual tiro perverso ressoa. Meu alto império é uma ilusão. Aflige-me a mente, aflige-me o olhar. Oh! Quisera eu sair daqui!

VOZ: Que linda nau, rica e alegre desliza ao noturnal frescor da brisa!

(aqui aparece o cenário final. A Caravela de Mefistófeles. As velas são içadas na galeria, pelo elenco de apoio. O público estará, portanto, dentro da Nau).

(A nau está ornada com iguarias exóticas. É magnífica)

MEFISTO: Eis-me no Porto. Aqui estou. Salve o patrão. Meu amo saúdo! Vencemos, enfim a prova. O prêmio é nossa rica carga. (tudo deve ser dourado. Luz, velas, sombras, elenco de apoio. fulgor.)

Tens peixes e tens navio. E se em três rumares sem demora o quarto apanharás sem demora. Conheço a navegação! Comércio, pirataria, guerra, é trindade inseparável.

OS VALENTÕES: Não diz nada, não agradece. Cara de fastio tem o amo. O real tesouro não lhe apraz.

MEFISTO: Cá está o que pediste. Dominarás o mar como querias. Carrega as naus para a mais longínqua rota, abranje o mundo - deste paço.

FAUSTO: Isso me deixa irado e aflito! Quero mais, quero o mundo! Quero observar do mais alto a imensidão, quero as tílias quero andaimes sobre o espaço, quero contemplar a obra-prima do espírito humano. Mas como me livrar deste maldito fardo! Toca aquela sineta e em cólera ardo!

MEFISTO: Deve encher-te de amargura esse infernal tilim. Repugna o som desse vil cobre. Desde o batismo até o enterro, ouves o tilim. Como se entre tilins-tilins a vida fosse sonhos e ilusões perdidas.

FAUSTO: A resistência, a teimosia, o esplendor, tudo me atrofia. É só com ira e a muito custo que ainda me conservo justo!

MEFISTO: Que cerimônia, ora! E até quando? Pois não estás incomodado?

FAUSTO: Pois bem, então me põe de lado. Lembras da promessa daquela casinha e aqueles verdes reservados?

MEFISTO: Já se deu o que aqui se dá.

CENA DA MEIA-NOITE E DESCRIÇÃO DOS INCÊNDIOS NAS TÍLIAS, PELO CORPO DE BAILE

(Movimentos a simbolizar o incêndio e a amargura de Fausto , velhinho, cego e cansado).

FAUSTO: Incendiaram as tílias. Somem-se os astros na neblina. Do fogo baixo sobe um ardor. Mas quem voa em vôo espectral?

CENA DA MEIA-NOITE:

(Os quatro sombrios vultos de mulher são representados pelo elenco de apoio. Penúria. Apreensão. Insolvência. Privação. Os símbolos serão transmitidos pelos trajes e expressões. Texto subtraído. Cantos e gemidos muito antigos)

FAUSTO: Vi quatro vindo e apenas tres temido. Era obscuro o sentido de seu discurso. Confusamente soou sorte como morte. Pudesse eu me desprender de toda a magia e ser apenas Homem perante a Criação, ser Homem valeria a pena, então. Grasnam as aves. Que será? DESventura?

(reaparecem os vultos de mulher)

FAUSTO: Onde estão? Há alguém aí?
Cruéis fantasmas. Como me tratais?
Até a hora cotidiana transformais em horrendas torturas!
A noite cai fundamente.

(elenco de apoio aparece vestido de negro. Sombras. Movimentos lentos. Música lenta.)

Lêmures cavam a sepultura de Fausto.

FAUSTO: (adivinhando Mefisto): Chefe!

MEFISTO: Eis-me aqui!

FAUSTO: Ordena aos obreiros. Promete regalias plenas. Estão construindo um dique. Estes barulhos de pás e enxadas...

MEFISTO: (à meia-voz) Não se trata de uma grande obra. Trata-se da cova.

FAUSTO: Do pé da serra forma o brejo um marco. Toda a área conquistada. Vão drenar o apodrecido charco. Seria isso a obra máxima completa. Fértil campo verde será. Homens, rebanhos, povoando prósperos sítios. Lá fora brame então, até a beira a maré. E, se para invadí-la à força, lambe a terra. Comum esforço, acode e a brecha aberta cerra. Sim! Da razão isso é a suprema luz. A esse sentido enfim me entrego, ardente. À liberdade e à vida só faz juz, quem tem de conquistá-las diàriamente, e assim passam em luta e em destemor, criança, adulto e ancião, seus anos de labor. Quisera eu ver tal povoamento novo, e em solo livre ver-me em meio ao povo livre! Sim, ao Momento então, diria: - És tão formoso! Jamais perecerá de minha via térrea este vestígio portentoso! - Na mais alta presciência desse altíssimo contento, viro ora o máximo, único momento.

(Fausto cai para trás. Os lêmures o amparam e o estendem no solo)

MEFISTO: Jamais se satisfaz. Vão lhe é qualquer contento, miragens múltiplas corteja ansiado; ao último, oco, insípido-momento, tenta apegar-se ainda o coitado. Quem se opôs a mim com força tão tenaz, venceu o tempo. O ancião na areia jaz. Pára o relógio -

ELENCO DE APOIO : Pára! Qual meia-noite, está calado.
Cai o ponteiro

MEFISTO: Cai. Está pois consumado

FRAGMENTO: (danças infernais. O elenco de apoio divide-se entre demônios e os que inumam Fausto como lêmures. Texto-subtraído. Mefisto desesperadamente tenta reter a alma de Fausto, antes que ela se esvaia para o céu.)

FRAGMENTO: (simbiose. Em black-out trocam os atores os trajes. Mefisto é Fausto e vice-versa.)

FRAGMENTO: (elenco de apoio, representando legiões celestes carregam, ao som de coros divinais, a alma de Fausto. O corpo do ator é carregado solenemente até a parte cima da galeria. No buraco de Lúcifer, desaparece o ator que Fazia o Fausto.)

-.-.-.-.-

final do 2º ato